

GOVERNO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE LÍNGUAS

**O LETRAMENTO DO PROFESSOR PARA A MEDIAÇÃO NO PROCESSO DE
DESENVOLVIMENTO DA RÁDIO ESCOLAR**

RITA DE CÁSSIA ANGEIESKI DA SILVEIRA

Bagé/RS

2017

GOVERNO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE LÍNGUAS

**O LETRAMENTO DO PROFESSOR PARA A MEDIAÇÃO NO PROCESSO DE
DESENVOLVIMENTO DA RÁDIO ESCOLAR**

RITA DE CÁSSIA ANGEIESKI DA SILVEIRA

**Dissertação apresentada ao programa de
Pós-graduação Stricto sensu em Ensino de
Línguas da Universidade Federal do Pampa,
como parte dos requisitos para obtenção do
título de Mestre em Ensino de Línguas.**

Orientadora: Prof^a Dr^a Fabiana Giovani

Bagé/RS

2017

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

S5871 Silveira, Rita de Cássia Angeieski da
O letramento do professor para a mediação no processo de
desenvolvimento da Rádio Escolar / Rita de Cássia Angeieski da
Silveira.
212 p.

Dissertação(Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa,
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE LÍNGUAS, 2017.
"Orientação: Fabiana Giovani".

1. rádio escolar . 2. letramento midiático e digital. 3.
formação de professores. 4. mediação. 5. processo . I. Título.

RITA DE CÁSSIA ANGEIESKI DA SILVEIRA

O LETRAMENTO DO PROFESSOR PARA A MEDIAÇÃO NO PROCESSO DE
DESENVOLVIMENTO DA RÁDIO ESCOLAR

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação
Stricto sensu em Ensino de Línguas da Universidade
Federal do Pampa, como parte dos requisitos para
obtenção do título de Mestre em Ensino de Línguas.

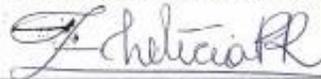
Área de concentração: **Interculturalidade, Discurso e
Cognição**

Dissertação defendida e aprovada em 07/04/2017

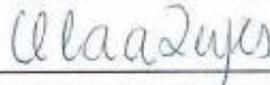
Banca Examinadora



Prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica
Universidade Federal do Pampa



Profª Drª Zila Leticia Goulart Pereira Régo
Universidade Federal do Pampa



Profª Drª Cláudia Raimundo Reyes
Universidade Federal de São Carlos

Dedico esta dissertação aos alunos e colegas professores que participaram do projeto Rádio Escolar sob minha Coordenação, de 2007 a 2016.

AGRADECIMENTOS

“Não sabendo que era impossível ele foi lá e fez” Jean Cocteau

Esta frase representa a minha determinação em implementar e dar continuidade ao projeto Rádio Escolar. Assim, agradeço aos alunos, colegas professores e equipes diretivas das escolas Frederico Assmann, Santuário, Willy Carlos Fröhlich (Polivalente), Educar-se e Dr. Carlos Antônio Kluwe, que participaram e apoiaram o desenvolvimento do projeto, pois acreditaram que era possível, estiveram ao meu lado e fizemos o projeto acontecer.

Agradeço, em especial...

A Deus, por conceder-me a vida.

Aos meus pais, pelo exemplo e educação, que me orientaram para ser a pessoa que sou. Também pela compreensão, nas vezes em que não lhes dei a merecida atenção, diante das demandas de estudo e trabalho.

Ao meu marido, pelo amor, paciência e compreensão, nos momentos em que me dediquei aos estudos e à pesquisa.

Aos amigos e familiares, de perto e de longe, que estiveram presentes, fisicamente ou em pensamento, torcendo pelo meu sucesso.

Aos colegas de trabalho, pelo interesse na minha pesquisa, pelo incentivo, pelo compartilhamento de experiências e pelas conversas diárias.

À equipe diretiva da Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Antônio Kluwe, pelo apoio durante a realização do projeto-piloto e o desenvolvimento da pesquisa.

À professora-colaboradora, colega da Escola Carlos Kluwe, pela paciência e atenção, desde a realização do projeto-piloto até o desenvolvimento da pesquisa.

À professora e orientadora Fabiana Giovani, pela tranquilidade, pela sabedoria, pela orientação iluminada e competente, pelo incentivo, pela busca da objetividade, pela indicação de novos caminhos ao longo das leituras atentas das diversas versões... até que “a luz começasse a aparecer no fim do túnel”.

A cada um de vocês que fez parte dessa pesquisa... Muito Obrigada!

“... mais importante que conseguir um diploma, é mantê-lo vivo” (DEMO apud MAGALHÃES, 2001, p. 239)

“Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 39)

RESUMO

A presente pesquisa apresenta como tema o letramento do professor para a mediação no processo de desenvolvimento da Rádio Escolar. Em pesquisa aos documentos orientadores da formação inicial e continuada de professores de Educação Básica, constata-se que não há referência ao desenvolvimento de projetos com o uso de tecnologias como a Rádio Escolar. Portanto, esta pesquisa busca contribuir para a formação continuada de professores, através da elaboração de um tutorial para o letramento midiático e digital do professor para a mediação no desenvolvimento do projeto Rádio Escolar. Como referenciais teóricos, destacam-se os autores Kleiman sobre o letramento; Lemke e o letramento midiático; Coscarelli e Ribeiro quanto ao letramento digital, Baltar para a operacionalização do projeto; Molon sobre a mediação como processo; e Reali e Reyes quanto à formação docente. Para investigar a contribuição do letramento para a mediação, foram realizados três encontros de formação entre a pesquisadora e a professora-colaboradora, em uma escola. Para observar o processo da mediação, aconteceram quatro encontros entre a docente e um grupo de alunas para a produção do programa da Rádio Escolar. Os sete encontros foram analisados segundo a metodologia do Paradigma Indiciário, em busca de pistas que indicassem a contribuição do letramento do professor para a mediação, bem como orientassem a elaboração do tutorial. A partir da análise, constatou-se que o letramento midiático e digital do professor é necessário para que ele realize a mediação no processo de desenvolvimento da rádio, pois a professora não participou das atividades de letramento para utilização das tecnologias nem realizou a mediação durante essas atividades. Desta forma, o tutorial, produto pedagógico desta pesquisa, foi elaborado de modo a contribuir para o letramento midiático e digital do professor para que atue como mediador no processo de desenvolvimento da Rádio Escolar.

Palavras-chave: rádio escolar; letramento midiático e digital; mediação.

ABSTRACT

This research presents as theme the teacher literacy for the mediation in the process of school radio project development. The research in documents that guide the organization of initial formation and continuing education courses to teach in the primary and high school shows that there's no reference to develop projects with technologies as the school radio. So, this research aims to contribute to the continuing education of teachers, with the elaboration of a tutorial for media and digital literacy, in order to realize the mediation in the school radio project. The main theoretical references are Kleiman about the literacy; Lemke with the media literacy; Coscarelli and Ribeiro about the digital literacy; Baltar with the operation of the school radio project; Molon and the mediation as a process; and Reali and Reyes about the teachers formation. For investigating the contribution of the literacy to the mediation, there were three formation meetings between the researcher and the collaborator-teacher in a school. To observe the mediation process, there were four meetings between the collaborator-teacher and the students to produce a school radio program. The seven meetings were analyzed according to the Paradigma Indiciário methodology, looking for clues that indicate the contribution of literacy for the mediation, as well to orientate the elaboration of a tutorial. With the analyze, it's possible to observe that the media and digital literacy contribute to the teacher mediation, because the collaborator-teacher haven't taken part in literacy activities to use the technologies and also haven't realized the mediation during these activities. This way, the tutorial, pedagogical product of this research, was elaborated in order to contribute to the media and digital literacy of teachers to act as a mediator in the development of the school radio project.

Key-words: school radio; media and digital literacy; mediation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Foto da Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos	64
Figura 2 - Foto da criação do grupo “Rádio Galera CK – 2016”	74
Figura 3 - Foto da postagem do programa no grupo “Carlos Kluwe”	77

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	23
2 RELATO DE EXPERIÊNCIA	25
2.1 Da prática à teoria	31
2.2 Metapesquisa	33
2.3 Projeto-piloto	35
3 REFERENCIAL TEÓRICO	39
3.1 Projetos	39
3.2 Projeto Rádio Escolar	40
3.3 A oralidade na Rádio	44
3.4 Letramento	46
3.4.1 Letramento do professor	47
3.4.1.1 Letramento midiático	48
3.4.1.1.1 Letramento digital	49
3.5 O professor como mediador	52
3.6 Formação de professores	53
3.6.1 Documentos orientadores da Formação Inicial	57
3.6.2 Documentos orientadores da Formação Continuada	59
4 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	61
4.1 Pesquisa qualitativa	61
4.2 Paradigma Indiciário	62

4.3 Desenvolvimento da pesquisa	63
4.3.1 Apresentando a escola	63
4.3.2 Constituindo um grupo de professores	64
4.3.3 Fazendo ajustes no planejamento	65
4.3.4 Conhecendo a professora-colaboradora	66
4.3.5 Realizando os encontros de formação	66
4.3.6 Dificuldades na constituição do grupo de alunos	70
4.3.7 Realizando os encontros entre mediadora e alunos	71
4.3.8 Editando e divulgando o programa da Rádio Galera CK	76
4.3.9 Organizando os dados	77
5 ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA.....	79
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
7 PRODUTO PEDAGÓGICO	94
REFERÊNCIAS	95
ANEXOS	101

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, vinculada ao Mestrado Profissional em Ensino de Línguas, aborda algo fundamental no cenário educacional: o letramento do professor. Para a realização desta reflexão, o meu olhar específico volta-se para a mediação do professor no processo de desenvolvimento de um projeto conhecido como Rádio Escolar. Neste sentido, Baltar (2012) salienta a importância do educador não só para a mediação, mas também para a organização e a discussão no processo de implantação da Rádio Escolar.

A escolha pelo tema desta pesquisa foi consequência das experiências que tive com o Projeto Rádio Escolar de 2007 a 2013, mediado por mim e desenvolvido com alunos de cinco escolas de Santa Cruz do Sul, RS: Escolas Municipais de Ensino Fundamental Frederico Assmann (2007) e Santuário (2010 a 2013), Escola de Educação Básica Educar-se (2012) e Escola Estadual de Ensino Médio Willy Carlos Frohlich (2008 a 2013).

Questão de pesquisa

Para confirmar a importância do professor no papel de mediador para a realização do projeto Rádio Escolar, assim como a relevância da formação continuada para que ele desempenhe este papel, a questão orientadora desta pesquisa de mestrado é “Como o letramento do professor contribui para a sua atuação como mediador no processo de realização do projeto Rádio Escolar?”

Objetivo Geral

O trabalho apresenta como objetivo geral contribuir para a formação continuada de professores, através da elaboração e disponibilização de um tutorial de letramento do professor para a mediação no desenvolvimento do projeto Rádio Escolar.

Objetivos Específicos

Caracterizam-se como objetivos específicos da pesquisa:

- Contribuir para o letramento de uma professora para a mediação no processo de desenvolvimento da Rádio Escolar;

- Analisar, a partir da reflexão sobre o processo, a importância da formação do professor para a mediação no desenvolvimento da Rádio Escolar, por meio do Paradigma Indiciário;
- Perceber, por meio da análise dos dados dos encontros de formação e de mediação, aspectos que precisam estar contemplados no produto pedagógico;
- Mediar o processo do professor no manuseio do programa *Audacity*, como uma ferramenta para a gravação e edição do programa da Rádio Escolar.

Este trabalho de pesquisa está organizado em sete capítulos: a introdução, na qual é apresentado o tema, a questão de pesquisa, os objetivos e a organização do trabalho; o relato de experiência, em que resgato a minha história com o projeto Rádio Escolar em escolas da rede municipal, estadual e privada, bem como os caminhos percorridos desde a prática do projeto até a realização da pesquisa do Mestrado, da metapesquisa e do projeto-piloto; os referenciais teóricos da pesquisa, abordando conceitos de projeto, oralidade, rádio escolar, letramento (midiático e digital), mediação e formação (inicial e continuada) de professores. O quarto capítulo trata da metodologia e da forma como a pesquisa foi orientada, enquanto o seguinte apresenta a análise do desenvolvimento da pesquisa. O sexto capítulo contém a conclusão desta pesquisa; seguido pelo sétimo, que apresenta o produto pedagógico.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Na condição de pesquisadora, considero importante resgatar a minha vivência com o projeto Rádio Escolar por meio deste relato de experiência, considerando que foi esta trajetória que me motivou a escolher o tema desta pesquisa.

Ao escrever sobre experiência, é indispensável mencionar o autor Larrosa: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca (LARROSA, 2001, p. 2)”. Neste sentido, muitas coisas acontecem em nossas vidas, mas estes acontecimentos só se configurarão como experiências, se nos tocarem.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (Ibidem p. 2).

Ao relembrar os diversos momentos de realização do projeto Rádio Escolar, penso nas muitas coisas que aconteceram e que nos tocaram. Ao utilizar o pronome “nos”, refiro a mim, como coordenadora do projeto, e a todos os alunos que dele participaram, seja como produtores, seja como ouvintes. Mas não poderia dizer que o projeto Rádio Escolar não tocou equipes diretivas, colegas professores e a comunidade escolar. Nesse processo, para possibilitar que as coisas nos tocassem, foi preciso realizar um gesto de interrupção, nos termos de Larrosa, para ações como pensar, olhar, escutar, sentir, demorar-se nos detalhes, suspender o automatismo da ação...

Ainda, o autor menciona como componente fundamental da experiência a sua capacidade de formação ou de transformação, ao afirmar que tudo o que nos passa, toca ou acontece, também nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação (LARROSA, 2001, p. 6-7)”. Desta forma, um programa da rádio, por ser resultante das nossas experiências, não poderia ser igual ao anterior, mas a soma de tudo o que nos tocou.

Outro aspecto indicado pelo autor é o saber da experiência: o saber que adquirimos à medida que vamos respondendo ao que nos acontece na vida, e como

damos sentido ou não a isto. Ainda, ele aponta que este saber da experiência é particular, pessoal, subjetivo...

[...] Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. (...) ninguém pode aprender da experiência de outro, a menos que essa experiência seja de algum modo revivida e tornada própria (LARROSA, 2001, p. 8).

Larrosa também menciona as marcas, os vestígios, os efeitos deixados na “superfície sensível” do sujeito da experiência. E como sujeito de uma experiência que muito me tocou, apresento o relato da minha vivência no projeto Rádio Escolar.

O desenvolvimento deste projeto aconteceu pela primeira vez em 2007, quando fui nomeada para lecionar na Escola Municipal Frederico Assmann, localizada no bairro Belvedere, na periferia da cidade de Santa Cruz do Sul. Ao iniciar meu trabalho, a equipe diretiva me comunicou que até 2006 funcionava na escola a Rádio F.A. (iniciais do nome da escola), e que gostaria que o projeto continuasse. Embora num primeiro momento tenha ficado apreensiva, diante de um projeto cujo desenvolvimento até então era desconhecido, por outro lado, senti-me desafiada a realizá-lo, e disse que concordava em dar continuidade. A partir disto, recebi informações sobre como o projeto vinha acontecendo até então: no início do ano, uma professora do curso de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC) vinha até a escola e realizava uma palestra com os alunos sobre o funcionamento de uma rádio, com oficinas para produção do programa, preparação da voz etc.

Posteriormente, começava a produção dos programas pelos alunos, orientados pela professora de Língua Portuguesa, em encontros realizados no turno oposto ao período regular de aulas. A escola possuía uma boa infraestrutura, com caixas de som em todas as salas, bem como uma pequena sala chamada de estúdio. Os programas eram apresentados no turno da manhã, semanalmente, quando a escola parava durante o período de aula para escutar o programa.

Assim, para começar o projeto, foi agendada a oficina com a professora da UNISC, a qual, além de realizar a atividade com os alunos, disponibilizou os materiais que ela havia elaborado para a produção de programas (roteiros, dicas de redação de programas de rádio etc.) e de apresentação oral (dicas para uma boa locução, exercícios de dicção...). Também agendei uma visita a duas emissoras de

rádio da cidade: “Rádio Atlântida FM 93.3”, “Rádios Gazeta FM 101.7 e AM 1180”, para um melhor entendimento do funcionamento deste meio de comunicação.

À medida que o projeto acontecia, eu percebia seus efeitos positivos no desempenho dos alunos, os quais melhoravam sua participação nas atividades do contexto escolar, principalmente na leitura e expressão oral.

No ano seguinte, em 2008, solicitei remoção para a Escola Municipal Santuário, localizada em bairro homônimo, na qual não era desenvolvido o projeto Rádio Escolar.

No entanto, diante da produtiva experiência com o projeto em 2007, implantei a Rádio Escolar na Escola Estadual de Ensino Médio Willy Carlos Frohlich, localizada no bairro Figueira, também na periferia, popular e carinhosamente conhecida como “Polivalente” ou “Poli”, sendo que eu opto nesta pesquisa pela primeira forma para a ela me referir, como o fiz por 21 anos de minha vida profissional.

Importante registrar que, ao realizar o projeto pela primeira vez, em 2007, dei continuidade a ações que já aconteciam na escola, ou seja, continuei a fazer o que já vinha sendo feito, apenas me inseri numa estrutura já existente. Entretanto, ao implantar o projeto Rádio Escolar na Escola Polivalente, realizei-o por iniciativa própria, então precisara começar do zero, porém com a experiência anterior, o que me dava uma certa segurança.

Assim, em primeiro lugar, apresentei o projeto à direção, que prontamente concordou com a iniciativa, depois conversei com os alunos da oitava série (hoje nomeada de nono ano, a partir da implantação do ensino fundamental de nove anos) sobre o projeto, conectando-o com as aulas de Língua Portuguesa, disciplina que eu lecionava naquela escola.

Para a escolha do nome da rádio, fiz uma atividade com os alunos que participariam do projeto, em que cada estudante sugeria um nome, submetido à votação dos alunos, tendo sido escolhido “Rádio Polifolia”, que a princípio me causou estranheza, pois parecia que “folia” não combinava com a escola. Verbalizei isto aos alunos, os quais explicaram que não era folia de bagunça, mas de alegria, no sentido de mobilizar o público ouvinte. Mais tranquila com esta justificativa, acostumei-me com a ideia e aprovei o nome.

Da mesma forma que no projeto inicial, convidei a professora da UNISC para realizar uma oficina com cada turma. Também, uma aluna, filha de uma acadêmica

de Comunicação Social trouxe um livro “Superdicas para falar bem”, do autor Reinaldo Polito, cujo material eu li e extraí algumas ideias as quais coloquei na forma de slides.

Assim, aos poucos, eu fui acumulando materiais de subsídio ao desenvolvimento do projeto, conforme as minhas necessidades e dos grupos. Posteriormente, de 2011 a 2013, realizei o projeto com alunos da terceira série do Ensino Médio, no turno da noite, mas com apresentações durante o intervalo, considerando que alguns professores acreditavam que o projeto “atrapalharia” as aulas. Com o desenvolvimento durante o intervalo, eu ficava sem este, mas pela repercussão do projeto junto aos alunos, considerava que valia a pena.

Desta forma, o projeto na escola Polivalente foi desenvolvido de 2008 a 2013, com ótima repercussão e consolidando-se a cada ano. Neste período, dentre as atividades do projeto, além das visitas às emissoras locais de rádio, também conhecemos a Rádio Atlântida FM e a Rádio Guaíba, em Porto Alegre. Ainda, fiz mediações para que os alunos participassem de programas em emissoras locais, como o “Fábrica de Ideias”, veiculado, semanalmente à noite, pela Rádio Gazeta FM 101.7, no qual as escolas eram convidadas a produzir e apresentar um programa de rádio, sendo que orientei grupos de alunos das Escolas Frederico Assmann e Polivalente, assim como acompanhei-os durante os programas, levando-os de volta para casa pessoalmente, para segurança das famílias. Ainda, programei uma visita ao estúdio de rádio do curso de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

Concomitante, de 2010 a 2013, realizei o projeto Rádio Escolar na Escola Municipal Santuário. Agora em sua terceira versão, ou seja, realizado em uma terceira escola, o projeto começou sem caixas de som nas salas nem um “estúdio” para apresentação dos programas. Quanto ao nome da rádio, os alunos apresentaram sugestões, e as três mais votadas foram submetidas à apreciação dos professores, que escolheram o nome “Rádio Estação Santuário”.

Os primeiros programas foram apresentados ao vivo, na hora do recreio, com o uso de uma caixa de som e a interação direta com o público. Mais tarde, com recursos do programa “Mais Educação”, a equipe diretiva comprou caixas de som e instalou-as em todas as salas de aulas, bem como adquiriu uma mesa de som para a transmissão dos programas, instalada em uma pequena sala - o estúdio. Segundo

informações do site do Ministério da Educação¹, o programa “Mais Educação” foi instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, como uma estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral. Através deste programa, as escolas podiam desenvolver diversas atividades de acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica.

Na Escola Santuário, os programas eram produzidos no turno oposto ao das aulas e apresentados durante o recreio. Participavam grupos de alunos das séries finais do Ensino Fundamental, sendo que estudantes das séries iniciais também eram convidados a participar dos programas de rádio. Ainda, é importante mencionar que alguns locutores das emissoras locais foram convidados a participar pessoalmente como entrevistados nos programas das rádios Polifolia e Estação Santuário, assim como organizei eventos gratuitos para comemorar os aniversários das rádios: a presença de locutores e a apresentação de uma banda de pagode na Escola Polivalente, e de uma dupla sertaneja na Escola Santuário. Ambos os eventos foram um grande sucesso.

Ainda, em 2012, desenvolvi o projeto Rádio Escolar na Escola de Educação Básica Educar-se, a pedido da diretora da escola, ciente da repercussão do projeto nas outras escolas. Participou um grupo de alunos do Ensino Fundamental que voluntariamente atenderam ao convite para realizar o projeto. A Escola de Educação Básica Educar-se funciona em dois blocos da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), conhecida pela comunidade acadêmica como “A Escola da Universidade”. Foi escolhido o nome “Rádio Educar-se” pelos participantes, e as ações para a realização do projeto foram as mesmas das escolas anteriormente mencionadas, com a vantagem de que o curso de Comunicação Social funcionava próximo à escola, de modo que em várias oportunidades estivemos nos espaços do referido curso. Dentre as ações do projeto, a mesma professora do curso e apoiadora do projeto, também nas outras escolas, propôs a gravação de uma vinheta no estúdio

¹Informações retiradas do site do Ministério da Educação, disponível em <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=41181>. Acesso em 05 jan. 2016.

de rádio, o que foi realizado. Empolgada com o resultado, levei até o estúdio também alunos das Escolas Polivalente e Santuário, para que igualmente gravassem a vinheta, sob orientação da docente do curso de Comunicação Social.

Importante mencionar que, ao longo dos sete anos em que realizei o projeto Rádio Escolar, houve um significativo avanço no uso das tecnologias. Nos primeiros cinco anos de implantação e implementação do projeto Rádio Escolar, os recursos restringiam-se ao microfone, celular, aparelhos de CD, caixas e mesas de som. Somente a partir de 2011, o computador passou a ser utilizado na produção e apresentação dos programas, na escola Educar-se, sendo que a partir de 2012, passou a ser usado também nas escolas públicas.

Dessa forma, o projeto Rádio Escolar foi realizado durante sete anos, cujo período não foi um acaso, mas alimentado por resultados positivos que me motivaram a dar continuidade à realização. Como professora de Línguas – Portuguesa e Inglesa - alicerçava minha prática em documentos como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)² de Língua Portuguesa, por ser esta uma recorrente disciplina de minha atuação docente. Os PCNs referentes ao 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental³ apresentam, dentre os objetivos do Ensino Fundamental, que os alunos sejam capazes de

- utilizar as diferentes linguagens - verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal - como meio para produzir, expressar e comunicar suas idéias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;
- saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos; (BRASIL, 1998, p. 7-8)

Neste sentido, a realização do projeto Rádio Escolar veio ao encontro desses objetivos, como um instrumento de uso das diferentes linguagens e desenvolvimento de produções culturais em contextos públicos (comunidade escolar), caracterizando-se como uma situação de comunicação. Ainda, para a produção da rádio, o aluno utiliza (ou aprende a utilizar) diversas fontes de informação e recursos tecnológicos (*notebook*, *CD player*, celular, microfone, USB etc.).

² Referenciais de qualidade elaborados pelo Governo Federal para nortear as equipes escolares na execução de seus trabalhos, foram criados em 1996, tendo como foco a estruturação e reestruturação dos **currículos escolares** de todo o Brasil, de forma obrigatória para a rede pública e opcional para as instituições privadas. Divididos em disciplinas (Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Arte e Educação Física) e entre Ensino Fundamental e Médio.

³ O terceiro e o quarto ciclos equivalem às séries de 5ª até 8ª, as quais correspondem atualmente a 6º até 9º ano, diante da mudança do Ensino Fundamental de 8 para 9 anos.

Além disso, a partir de relatos dos alunos, no início da docência, constatei que tinham poucas oportunidades de expressarem-se oralmente na escola, assim como dificuldades para participarem de atividades orais, como na leitura de textos em voz alta. Diante desta constatação, comecei a pensar em um projeto que, de forma atraente e desafiadora, viesse a contribuir para o desenvolvimento da oralidade, assim como tornasse as aulas de Língua Portuguesa mais significativas e dinâmicas. Neste sentido, a realização do projeto Rádio Escolar veio ao encontro das minhas aspirações, pois além de propiciar o exercício e desenvolvimento da oralidade, é uma ferramenta de ensino da leitura, já que os alunos buscam informações para a produção dos programas; bem como da escrita, pois a redação do roteiro requer muitas (re) escritas até que esteja apropriado para a locução.

Durante a produção dos programas, eu observava como acontecia o trabalho em grupo para a redação do roteiro: a escolha seguida pela pesquisa sobre os assuntos, a redação dos textos, a revisão coletiva, a seleção musical, a distribuição de papéis dentro do grupo. A apresentação dos programas (ao vivo até 2013) era um momento muito significativo, pois por um lado os alunos temiam expor-se oralmente, serem julgados, mas por outro sentiam-se desafiados, valorizados pelos ouvintes – amigos, colegas, professores. E os resultados eram observados também nas aulas de Língua Portuguesa, especialmente em relação às atividades orais, percebendo-se uma mudança nos alunos inicialmente inibidos, que com o tempo expressavam-se e realizavam leituras orais com naturalidade.

Eram essas mudanças que me faziam dar continuidade ao projeto, assim como a escolhê-lo, oito anos depois, como tema da minha pesquisa de mestrado.

2.1 Da prática à teoria

É relevante reiterar que desenvolvi o projeto durante sete anos em quatro escolas, mas sem fazer registros sobre a prática, nem buscar referências teóricas que embasassem a minha ação. Ao concorrer a uma vaga para o Mestrado Profissional em Ensino de Línguas, elaborei um pré-projeto de pesquisa, cujo título era “O papel da Rádio Escolar no desenvolvimento da oralidade”.

Com a aprovação no processo seletivo, algumas alterações foram necessárias, dentre elas um ajuste do tema, considerando que eu e uma colega mestranda havíamos escolhido a Rádio Escolar para a pesquisa, então seria mais

interessante se seguíssemos caminhos diferentes. Assim, a partir dos nossos diálogos com a professora orientadora, foi-se delineando um novo caminho para a minha pesquisa: a formação de professores para a realização do projeto Rádio Escolar enquanto uma prática de letramento interdisciplinar. Desta forma, a pesquisa abordaria o letramento do professor para o desenvolvimento do projeto como uma prática de letramento do aluno. No entanto, a partir de sugestões realizadas pela banca de qualificação do projeto, a pesquisa seguiu a direção do projeto Rádio Escolar como uma prática de letramento do professor.

Neste contexto, é importante mencionar também que sempre tive vontade de contribuir para a formação de professores, pois há vinte anos atuo como docente da Educação Básica e tenho acompanhado as carências na formação continuada, especialmente das escolas estaduais da rede pública, cuja realidade conheço.

Esse novo viés da pesquisa veio ao encontro da minha experiência inicial como professora coordenadora do projeto Rádio Escolar, quando foi preciso pesquisar e buscar materiais em locais diversos, uma espécie de “colcha de retalhos de pistas”, já que eu não possuía formação para realizar o projeto.

Essa “colcha de retalhos de pistas” foi se constituindo a partir de indícios resultantes da prática do projeto, como as tentativas, escolhas, acertos, erros, caminhos percorridos, desvios, novas rotas... Como se sabe, a confecção de uma colcha de retalhos demanda planejamento, tempo, atenção, costura entre diversos tamanhos de retalhos (pistas), harmonia das cores, finalização... E a conclusão da colcha constitui-se em algo que nos tocou, uma experiência, nos termos de Larrosa (2001). A partir disso, planeja-se o recomeço, pois as pistas para confecção da colcha não se esgotam, diante da dinamicidade dos sujeitos envolvidos. Ainda, nesse processo de confecção da colcha de retalhos, ouvem-se as vozes de outros sujeitos. Portanto, enquanto eu reunia as pistas que constituiriam a minha colcha, dei vez à voz de outros docentes, seja pessoalmente, seja por meio da leitura de suas experiências no projeto Rádio Escolar.

Foi um caminho mais longo do que seria o da formação inicial ou continuada, o qual demandou mais tempo para o desenvolvimento do projeto, bem como precisei refazer ações realizadas de forma inexperiente, o que poderia ter-me desmotivado à continuidade do projeto.

Neste sentido, a realização dessa pesquisa justifica-se pela importância de disponibilizar um produto pedagógico que venha a contribuir com a formação

continuada de professores para que atuem como mediadores na realização da Rádio Escolar, enquanto uma prática de letramento do professor, de modo que a implementação do projeto não seja trabalhosa e desestimulante para ele.

Ainda, é importante considerar que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial e continuada de professores de Educação Básica, assim como documentos orientadores de Formação Continuada não incentivam a realização de projetos tecnológicos como a Rádio Escolar.

Consani (2007), ao referir-se à capacitação dos professores para a realização do projeto Rádio Escolar, afirma que mesmo que o educador tenha uma concepção do que é a rádio, e talvez de seu potencial educativo, a formação para a realização do projeto Rádio Escolar é um suporte necessário aos docentes com interesse em iniciar ou continuar as atividades do projeto.

Muitos educadores, interessados em iniciar ou dar continuidade às atividades da radioescola, têm dúvidas sobre o que deveriam exatamente estudar para obter o conhecimento e a segurança que, de uma forma ou de outra, ainda lhes falta (Ibidem, p. 37).

2.2 Metapesquisa

A partir da orientação da professora do componente curricular “Teoria e Prática no Ensino de Línguas”, desenvolvida no primeiro semestre de 2015 no currículo do Mestrado Profissional em Ensino de Línguas, realizei uma metapesquisa, para ter conhecimento sobre o que tem sido estudado na minha área de interesse, de modo a evitar a repetição de estudos e possibilitar a ampliação dos saberes a respeito do tema.

Segundo Ferreira (2002), a metapesquisa tem

o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários (Ibidem, p. 1).

Portanto, com o intuito de conhecer os estudos sobre o tema e a partir disto, perceber o que não fora objeto de pesquisa, realizei uma metapesquisa a partir do tema do projeto, o qual inicialmente, era “O papel da Rádio Escolar no desenvolvimento da oralidade”, tendo como fonte de dados o Banco de Teses do site da Coordenação de Aperfeiçoamento do Ensino Superior (CAPES).

A palavra-chave utilizada na busca foi, inicialmente, “rádio”, a qual gerou 494 resultados ou resumos de trabalhos de pesquisa, porém boa parte deles eram de áreas distintas da Educação, como da Engenharia Elétrica e outras.

Por esta razão, foi realizada uma nova busca, desta vez a partir das palavras-chave “rádio escolar”, da qual resultaram onze resumos de dissertações de Mestrado, publicados entre 2011 e 2012, em diversas instituições brasileiras, dos quais três eram resumos de dissertações do mestrado profissional e oito do acadêmico, relacionados ao uso da rádio na escola como ferramenta pedagógica.

As análises aqui mencionadas referem-se a nove resumos de dissertações associados à utilização da rádio como uma ferramenta pedagógica em ambientes educativos. Das pesquisas, três foram realizadas em instituições do Rio Grande do Sul; três do Paraná; e uma do Amazonas, Rio de Janeiro e São Paulo.

Analisando os temas dos resumos das pesquisas, percebeu-se que se referiam a: contribuições de uma rádio escolar para as questões socioeducativas na sala de aula; construção do protagonismo juvenil na Rádio-Escola; análise do fenômeno da escuta na educação escolar; contribuição da educomunicação para a superação das dificuldades de professores no uso das tecnologias; a *web* rádio universitária como um modelo pedagógico e estratégia intervencionista na sociedade atual; contribuição da rádio no processo de ensino e aprendizagem de disciplinas e a reflexão sobre o uso dos meios de comunicação na escola; influência da rádio escolar como projeto extracurricular de arte-educação nas histórias de vida e na formação cidadã de adolescentes; e o potencial e limitações da rádio escolar como ferramenta no processo de ensino e aprendizagem de língua alemã no contexto escolar.

A leitura das nove pesquisas indicou referenciais teóricos relacionados a educação como uma prática libertadora; análise da realidade escolar e proposta de uma educação aberta para o mundo; elo entre cultura e educação na Era da Informação; entendimento da conexão entre mídia, comunicação e educação; discussão entre a mídia e o universo juvenil; educação e diálogo; princípios da complexidade; abordagem de linguagem e educação; concepção fenomenológica da imaginação poética; conceitos de educação e formação de educadores; cultura audiovisual e os meios de comunicação; conceito de educomunicação e Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

Em relação à metodologia, algumas encontradas foram: estudo de caso, com ênfase no participante como observador, através de diário de campo, análise de documentos, entrevista semiestruturada e narrativa escrita; produção de conhecimentos de forma compartilhada, a partir da escuta da sala de aula e da exploração de vivências experimentadas na produção de peças radiofônicas; análises do estado atual e das funções das rádios *web* universitárias; pesquisa-ação com observação, aplicação de questionários abertos e fechados, e experiência de elaboração e aplicação de programas de rádio nas aulas de ciências; pesquisa-ação qualitativa, baseada em experiências formativas para educadores voltadas para a produção de cultura audiovisual por meio de práticas educomunicativas; realização de círculos de cultura, registrados em áudio; investigação das possibilidades e limites sob os eixos subjetivo, coletivo e estrutural a fim de analisar as principais dimensões do trabalho educativo; implementação de uma emissora de rádio na qual os alunos produzem textos característicos do discurso da esfera radialística; e pesquisa de natureza explicativa, cuja preocupação central é a identificação de fatores que determinam ou contribuem para a implementação da rádio.

Quanto ao conteúdo das dissertações, em geral os projetos contemplaram a implementação da rádio escolar em escolas, universidade e unidade socioeducativa, através de atividades curriculares e extracurriculares, cujos resultados foram sempre positivos, com afirmação do protagonismo juvenil, melhora da aprendizagem em alguns componentes curriculares, forma de intervenção na sociedade e contribuição para a formação de professores por meio da superação das barreiras da tecnologia.

A realização da metapesquisa contribuiu para que eu soubesse como o tema “rádio escolar” havia sido abordado nos trabalhos até então, o que me deu um indício de que a minha pesquisa precisaria ir além da implementação da Rádio Escolar na escola.

2.3 Projeto-piloto

No primeiro semestre de 2015, durante as aulas do Mestrado Profissional em Ensino de Línguas, a docente responsável pelo componente “Teoria e Prática no Ensino de Línguas” solicitou que aplicássemos um projeto-piloto referente à pesquisa.

O projeto-piloto teve como objetivos: incentivar o uso da expressão oral na escola; realizar uma prática de letramento que desenvolvesse a oralidade; implantar o projeto Rádio Escolar na escola, por meio da gravação/divulgação de um programa; avaliar a contribuição do professor como mediador na realização do projeto⁴; e incentivar outros docentes a desenvolverem o projeto.

Escolhi como campo de aplicação do projeto-piloto a Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Antônio Kluwe, localizada no centro da cidade de Bagé, na fronteira-oeste do Rio Grande do Sul, onde eu trabalhava como docente de Línguas e Literatura no Ensino Médio (EM) desde 2014, ano em que o educandário possuía trinta e quatro turmas, sendo quinze da primeira série, dez da segunda e nove da terceira série do EM, nos turnos da manhã, tarde e noite.

Após contato e anuência da equipe diretiva, iniciaram as ações para a realização do projeto-piloto. A ideia inicial era desenvolvê-lo no turno oposto ao das aulas, com estudantes das três séries do Ensino Médio. Como os alunos para os quais eu lecionava estudavam no turno da noite, na maioria trabalhadores, não poderiam participar do projeto em turno oposto. Assim, encontrei algumas dificuldades para formar um grupo de alunos interessados no projeto, diante do desconhecimento do projeto e do meu trabalho na escola, o que pode ter gerado desconfiança no sucesso do projeto em um primeiro momento; e pouca disponibilidade dos alunos diante de tarefas escolares de final de trimestre (trabalhos e provas) e outros compromissos pessoais dos alunos. Por isso, não foi possível realizar um encontro com um grupo no turno extraescolar, como eu planejava.

Assim, contatei com a professora de Língua Portuguesa de uma turma de primeira série do EM, a qual permitiu que eu desenvolvesse o projeto com um grupo de cinco alunos durante as aulas. Desta forma, para o desenvolvimento do projeto, foram realizados dois encontros de duas e três horas-aula, respectivamente.

A experiência do projeto-piloto configurou-se um pouco diferente das anteriores que tive na realização do projeto Rádio Escolar. Anteriormente, eu desenvolvera o projeto de forma interligada com as aulas de Língua Portuguesa, inclusive como parte da avaliação da disciplina, o que contribuía muito para o

⁴ A contribuição do professor aqui se refere à articulação e mediação entre a comunidade escolar e os alunos, considerando a minha experiência (letramento) para a realização do projeto.

engajamento dos alunos. Além disso, o projeto já era conhecido nas escolas, tinha portanto uma credibilidade que instigava os alunos a querer participar.

Essas dificuldades iniciais mostraram o quanto o papel do professor como mediador é decisivo para a realização do projeto, considerando-se que eu dependi de auxílio da direção e da professora da turma para realizar o projeto-piloto. Portanto, sem um mediador, o projeto certamente não teria acontecido.

Outra diferença em relação às experiências anteriores é que, na aplicação do projeto-piloto, em vez de apresentado ao vivo, como era usual na minha prática, o programa foi gravado com o uso do *software Audacity*

[...] um software livre e gratuito de gravação, edição e reprodução de áudio, distribuído segundo os termos da General Public License (GPL), que pode ser utilizado para fins comerciais ou pessoais. O código-fonte está disponível publicamente na internet e pode ser modificado à vontade, ficando as alterações sob as mesmas condições da GPL. Pode-se dizer ainda que o programa está disponível para Mac, Microsoft Windows, GNU/Linux e outros sistemas operacionais (GIOVANI, 2014, p. 344).

Como preparação para esta etapa, durante o processo de pesquisa-ação da experiência objeto deste relato, encontrei na obra de Baltar (2012) um passo a passo para a gravação do programa usando o *software Audacity*. No entanto, ao tentar aplicar a teoria na prática, tive dificuldades. Diante disto, procurei por um tutorial na Internet, o qual contribuiu muito para facilitar o entendimento da operacionalização do programa. Portanto, foi necessário um autoletramento para que eu pudesse auxiliar os alunos no processo de gravação e edição com o uso do *Audacity*. Sobre o termo “autoletramento”, refere-se a uma pesquisa, estudo e construção do conhecimento pelo professor, sobre um assunto desconhecido ou sobre o qual precisa complementar o entendimento. Em relação ao autoletramento, o autor Neto apresenta:

[...] não foi porque aprendi na escola, mas porque construí sozinho, num processo de “autoletramento”. É bom frisar que “sozinho” não significa solitariamente, muito pelo contrário, já que “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”, como nos ensinou Paulo Freire [...] (NETO, 2016, p. 2).

Sabe-se que em geral os alunos dominam as tecnologias, mas acredito que o professor não pode restringir-se a esta concepção e precisa contribuir para que as atividades aconteçam conforme o planejado. Um exemplo que ilustra esta ideia é que um dos alunos do grupo, embora já conhecesse o programa, não sabia como usar uma ferramenta durante a gravação, e eu estava preparada para ajudá-lo.

Dando continuidade ao desenvolvimento do projeto, após a adesão voluntária dos alunos que participariam da produção e apresentação do programa, iniciamos as atividades do primeiro encontro. Conversamos sobre como o projeto seria desenvolvido, desde a produção até a gravação do programa: a elaboração de um roteiro, a escolha dos assuntos/conteúdos das notícias, a seleção musical, e a definição dos papéis de cada integrante do grupo (redator, apresentador, editor de áudio etc.).

O grupo escolheu “Rádio Galera CK” como nome da rádio, em que a sigla CK corresponde às iniciais do nome como a escola é conhecida na cidade de Bagé (Carlos Kluwe). Em relação ao roteiro, falamos especialmente sobre o gênero notícia, assim como foram apresentadas dicas para falar bem. Na sequência, os estudantes propuseram assuntos para a programação, num momento rico de negociação sobre a relevância, atualidade, interesse para o público-alvo. Também decidiram que cada um escolheria uma das músicas que comporiam o programa.

Quanto ao conteúdo, foi definida a sequência de apresentação do programa e a seguir, teve início a redação/digitação dos textos.

No segundo encontro, estava prevista a gravação do programa pelos alunos. Inicialmente, foi realizada a revisão do roteiro e depois de pequenos ajustes, passou-se à definição de quem faria a apresentação.

Após a definição dos locutores, teve início a gravação. No final da gravação das falas por todos os alunos, eles as escutaram e aprovaram. A seguir, foram selecionadas as músicas e um dos integrantes do grupo comprometeu-se a editar o programa. Após a edição, o próximo passo foi a socialização do programa, para que a comunidade escolar conhecesse o trabalho realizado pelo grupo de alunos, com a mediação da professora. Como a escola possui um grupo no *Facebook*, o áudio foi convertido em vídeo e o link do programa da rádio foi postado.

A realização do projeto-piloto, além de dar pistas para a continuidade do projeto de pesquisa, motivou outros alunos e professores da escola para a participação na produção de outros programas da rádio.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Projetos

A palavra *projeto*, no dicionário Michaelis, apresenta como uma de suas definições “Plano para a realização de um ato; desígnio, intenção”. Portanto, é a expressão de um planejamento para a realização de um ou mais atos, de uma intenção, a qual é representada de forma organizada. Neste sentido, Kleiman afirma que

[...] a palavra projeto tem duas dimensões, futuro, ou antecipação, e abertura, ou não determinação. O projeto sempre implica realização dos atores; ou seja, um projeto está ligado à vontade de fazer algo, à ação. Projetar é lançar para a frente, é antever sua realização no futuro (KLEIMAN e MORAES, 1999, p. 40).

Portanto, na escola, o projeto de trabalho coletivo é uma alternativa contra o conformismo, a mesmice, configurando-se como uma forma de variar a metodologia docente. Para as autoras, o projeto possibilita o trabalho produtivo, em oposição ao trabalho alienado.

A sala de aula, através do projeto passa a ser vista como

um lugar para a comunicação de informações, para o estabelecimento de relações sociais e para a expressão da identidade e de atitudes. Ou seja, é o espaço de convergência do cognitivo, do social e da expressão pessoal na construção de redes de conhecimento (Ibidem, p. 50).

Assim, é importante que a sala de aula não tenha sua compreensão associada somente a um espaço de quatro paredes, com mesas, cadeiras, quadro branco etc., onde alunos e professores encontram-se de forma previsível, mas seja compreendida de uma forma mais ampla, como qualquer espaço ocupado por discentes e docentes, visando a interação e a construção do conhecimento.

Para Aparício (2001), a sala de aula, parte da instituição denominada escola, é um espaço que representa a sociedade, pois nela os sujeitos (professores e alunos) se encontram, interagem socialmente, aprendem teoricamente.

Segundo o autor, o desenvolvimento de um projeto possibilita um processo de construção das redes de conhecimento pelo aluno, em que o professor desempenha o papel de mediador, atuando como agente na criação do ambiente de aprendizagem.

Para as autoras Kleiman e Moraes (1999), a pedagogia de projetos é uma forma de tornar a escola mais interessante, dinâmica, atualizada para os estudantes

A pedagogia de projetos permite [...] tornar a escola mais dinâmica, mais atual, mais atraente para aos jovens ao fornecer-lhes a oportunidade de desenvolver a habilidade da leitura ao mesmo tempo em que tomam as rédeas da própria aprendizagem construindo sua rede de relações disciplinares e interdisciplinares (KLEIMAN e MORAES, 1999, p. 58).

As autoras também mencionam a importância de que o trabalho com projetos esteja institucionalizado no Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, configurando-se como uma construção coletiva, seja de professores, seja de alunos... envolvendo os diversos segmentos da escola. Ainda, elas indicam que a proposta pedagógica da escola deve favorecer e apoiar a realização de projetos individuais, inseridos no projeto coletivo da escola, construídos de forma dialógica e flexível para favorecer a sua renovação.

Neste sentido, é importante que o projeto Rádio Escolar, mesmo que desenvolvido a partir da iniciativa individual de um docente, esteja inserido no projeto coletivo da escola, bem como seja reconhecido como integrante da proposta pedagógica do educandário, constando no seu Projeto Político-Pedagógico (PPP). Assim, o projeto Rádio Escolar não vai estar atrelado necessariamente somente a um professor ou disciplina, mas a toda a escola, de modo que se o professor estiver impossibilitado de realizá-lo, a escola empreenderá ações para a sua continuidade. Pensando na minha prática, em três escolas nas quais implantei o projeto, ele deixou de acontecer com a minha saída das escolas. A exceção é a Escola Municipal Frederico Assmann, a primeira escola em que realizei o projeto, o qual era parte do PPP, e quando eu iniciei meu exercício na escola, foi-me apresentado para que eu desse continuidade ao desenvolvimento da Rádio Escolar.

3.2 Projeto Rádio Escolar

Para entender a origem do projeto Rádio Escolar, é relevante mencionar que a primeira experiência de Rádio Escolar surgiu na Tailândia, em 1958, tendo se estendido a outros países (MORGAN, 1977 apud ASSUMPÇÃO, 2008).

Leobons (1984, citado por ASSUMPÇÃO, 2008) afirma que em 1941 aconteceram as primeiras experiências de Escolas Radiofônicas no Brasil, com objetivos instrucionais, através da criação da Universidade do Ar, cujo objetivo era o aperfeiçoamento epistemológico de professores e alunos.

Segundo Assumpção (2008), na década de 80, algumas escolas brasileiras já trabalhavam a interface comunicação e educação na sala de aula, buscando novas

alternativas pedagógicas com a utilização das tecnologias da comunicação, principalmente a mídia radiofônica.

A autora afirma também que a utilização do rádio em algumas escolas brasileiras foi anterior à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/96 e aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que orientavam os professores sobre a importância da leitura crítica dos meios midiáticos no Ensino Fundamental.

Os PCNs de Língua Portuguesa, referentes ao terceiro e quarto ciclos (séries finais do Ensino Fundamental) apresentam como Tecnologias da Informação e Língua Portuguesa o computador, a televisão, o vídeo e o rádio, e expressam que “A presença crescente dos meios de comunicação na vida cotidiana coloca, para a sociedade em geral e para a escola em particular, a tarefa de educar crianças e jovens para a recepção dos meios (BRASIL, 1998, p. 89)”.

Especificamente em relação ao rádio, o texto apresenta que é o “mais abrangente veículo de comunicação presente no cotidiano, abre diversas possibilidades para o trabalho com os sons e a palavra falada em Língua Portuguesa (Ibidem, p. 91)”. Dentre as possibilidades de trabalho com o rádio apresentadas no documento, destaco a produção de programas radiofônicos.

Segundo Assumpção (2008),

[...] o rádio está ao alcance de todas as camadas sociais e de todos os cidadãos escolarizados ou não, ricos ou pobres, Ele pode e deve ser utilizado para difundir programação educativa e cultural e contribuir com a educação escolarizada e com o exercício de cidadania, uma das responsabilidades da escola, como instituição social (Ibidem, p. 23).

Neste sentido, Baltar (2009; 2012) afirma que as rádios escolares devem ser criadas e desenvolvidas, pois estimulam o desenvolvimento de múltiplas competências, especialmente discursivas em estudantes e professores, proporcionando autonomia, emancipação, inclusão social e protagonismo à comunidade escolar, tendo um papel transformador no interior do educandário.

Durante o período em que realizei o projeto Rádio Escolar, percebi todas estas transformações decorrentes da participação no projeto, as quais me motivaram a continuar desenvolvendo-o.

Sobre as competências discursivas mencionadas pelo autor, citam-se a leitura de textos como referência para a seleção dos assuntos, a organização e a elaboração escrita, assim como a expressão oral durante a locução do programa.

Neste processo, o professor, segundo Kleiman (2005), é o agente de letramento, o mediador das práticas sociais no mundo letrado pelas quais os alunos passam no seu processo de apropriação e uso da tecnologia escrita em sociedade.

Baltar (2012) afirma que as rádios escolares podem ser utilizadas como estratégia de ensino de gêneros textuais orais e escritos, instrumentos de interação sociodiscursiva na comunidade escolar e frutos de projetos de letramento, cujos objetivos são o desenvolvimento e a aprendizagem dos estudantes que participam conscientemente de práticas consagradas na sociedade letrada, através da articulação das atividades didático-pedagógicas da escola.

Além disso, a rádio escolar é uma ferramenta para promover múltiplos letramentos, em especial o letramento midiático radiofônico na comunidade escolar, como forma de discutir a relação entre educação, mídia e sociedade, assim como possibilitar a participação crítica dos estudantes em atividades reais e significativas de linguagem. O autor menciona o letramento radiofônico na comunidade escolar, portanto não o restringe aos alunos, podendo ser estendido aos professores, funcionários etc. Nesta perspectiva, abordo o letramento do professor posteriormente no texto desta pesquisa.

De acordo com Baltar (2012), o projeto Rádio Escolar acontece de forma pontual em algumas escolas, a partir da iniciativa individual de alguns professores e líderes estudantis. Considerando a minha experiência, mesmo sendo iniciativa de líderes estudantis, é necessário o acompanhamento de um docente, como articulador entre os estudantes, a equipe diretiva e a comunidade escolar.

Para ROJO (2009, apud ROJO, 2012), é papel da escola promover os espaços de circulação e as práticas dos alunos através do acesso a espaços valorizados de cultura e a outras mídias, analógicas e digitais.

Neste processo, destaca-se a importância do professor para a realização e mediação do projeto, para o qual precisa de formação adequada.

Consani (2007) menciona algumas estratégias do fazer radiofônico, das quais destaco o espaço para que todos tenham vez e voz no processo educativo e a revisão do que é escrito.

Embora a ideia de trabalhar com mídias na escola muitas vezes limite-se a acessar o que já é produzido pelos meios especializados, o autor propõe que se produza comunicação, ao abordar o papel do rádio nos espaços educativos. Desta forma, não se trata de repetir a estrutura de um programa de rádio existente,

alterando as falas e músicas, mas de produzir um programa representativo da criação dos alunos.

Segundo Baltar (2012), a Rádio Escolar deve significar a construção de uma mídia própria, em que os atores (professores e alunos) decidem com responsabilidade como e o que querem comunicar, em relação à pauta, formato dos quadros, trilhas sonoras, gêneros de texto, estratégias de locução etc.

Entretanto, a Rádio Escolar não pode limitar-se a recurso didático-pedagógico, mas deve ser propulsora do debate sobre os conteúdos veiculados na comunidade, de modo a realmente contribuir para uma educação emancipadora.

O autor Oliveira (2012) denomina o programa da Rádio Escolar de “peça radiofônica artesanal”, considerando que utiliza dispositivos eletrônicos disponíveis aos alunos, como telefone celular, *pen-drive* e *notebook*.

Artesanal para significar que as gravações das entrevistas e as edições foram feitas com estes aparelhos, sem contar, portanto, com os recursos de um estúdio de gravação profissional apropriado para este fim. As trilhas sonoras e as músicas foram retiradas da internet e gravadas em *pen-drive* para a posterior reprodução (Ibidem, p. 50-1).

Ele também menciona que as poucas condições técnicas podem contribuir para os estudantes vivenciarem situações de dificuldade e buscarem a solução dos problemas encontrados.

Considerando a minha prática como coordenadora do projeto Rádio Escolar, na perspectiva do autor, posso também designar os programas de “artesanais”, tendo testemunhado algumas situações decorrentes das limitadas condições técnicas, para cuja solução sempre busquei orientar e auxiliar os estudantes, de modo que continuassem motivados para a participação no projeto.

Para Assumpção (2008. p. 15), a Rádio Escolar “possibilita a veiculação de informações produzidas e editadas pelo próprio aluno, além da construção de programas interativos e de interesse deles”. Ela menciona também que a rádio no espaço escolar pode ser um instrumento desencadeador da oralidade e da produção escrita, indicando que a escola, em seu PPP, deve contemplar a participação efetiva dos alunos como emissores e receptores da rádio, junto com os professores-orientadores.

Consani (2007) enfatiza a importância do trabalho em equipe para viabilizar o funcionamento da Rádio Escolar

Como acontece na totalidade dos projetos escolares, estamos diante de um desafio que só pode ser enfrentado por uma equipe composta por um

número razoável de integrantes partilhando da mesma visão clara e objetiva sobre o que se pretende realizar. É óbvio que um único educador (que pode ser professor, aluno, coordenador, diretor, responsável, funcionário etc.) não conseguiria, por maior que fosse seu empenho ou competência, colocar e manter em funcionamento uma rádio escolar (CONSANI, 2007, p. 44).

Portanto, o trabalho em equipe é essencial para que o projeto aconteça, pois é preciso contar com a participação da equipe diretiva, outros professores e funcionários, seja para a existência de infraestrutura adequada para a produção, gravação e divulgação dos programas, seja para a busca de informações como subsídios para as notícias etc.

O mesmo autor aborda a rádio escolar como uma metodologia significativa dentro da missão educativa da escola:

Não podemos nos esquecer de que o objetivo do projeto radiofônico escolar não é nem nunca foi ocupar-se da produção midiática como um fim (para isso existem as rádios e as produtoras), mas tão somente como uma metodologia válida dentro da missão educativa da escola (Ibidem, p. 76).

Os participantes do projeto Rádio Escolar, ao interagir no contexto social, através da produção de textos escritos e orais e da transmissão dos programas aos colegas, conscientizam-se de seu verdadeiro papel na sociedade (ASSUMPÇÃO, 2008).

Também, a autora indica outros aspectos positivos da participação do aluno na Rádio Escolar "... o aluno pesquisa e lê mais, ampliando sua visão de mundo, além de aprender a debater, questionar e discutir, configurando assim, o desenvolvimento do senso crítico e o exercício de desenvolvimento da cidadania (Ibidem, p. 15)".

3.3 A oralidade na Rádio

Sobre a oralidade, Fávero (1999) menciona que o texto escrito não é mais o soberano no ensino da língua materna, já que a fala também tem sua própria maneira de se organizar, desenvolver e transmitir informação, configurando-se como um fenômeno específico (MARCUSCHI, 1993 apud FÁVERO, 1999). Portanto, a língua falada é tão importante quanto a escrita no ensino da língua materna, não devendo ser deixada de lado nem limitada a leituras orais durante as atividades da aula.

Neste sentido, o projeto Rádio Escolar caracteriza-se como uma prática de letramento e estratégia de ensinagem também da oralidade na escola, considerando

que nem sempre a oralidade tem o mesmo espaço que a escrita nas atividades desenvolvidas na instituição escolar, o que contribui para a inibição de alunos ao expressarem-se oralmente.

Porchat (1993, apud ASSUMPÇÃO, 2008) afirma que a escola pode utilizar a rádio para o aperfeiçoamento da comunicação oral e a produção da escrita, por meio da elaboração de noticiários, notícias, roteiros e programas radiofônicos.

Segundo Assumpção (2008), a interação entre rádio e aluno no espaço escolar oportuniza o desenvolvimento e o aperfeiçoamento no aluno de competências e habilidades de audiência e de eloquência, pois o educando comunica-se com os colegas, com os professores, com os funcionários e comunidade externa, por meio da interação entre emissor e receptor.

A autora apresenta dados obtidos a partir de entrevistas com participantes da Rádio Escolar, os quais afirmaram que a construção de textos orais ao microfone leva o aluno-locutor a perder a vergonha de falar e se expor publicamente, elimina a timidez e possibilita a utilização adequada da voz na leitura e na interpretação das notícias, informações educativas, culturais e dramatização de histórias.

Kleiman e Moraes (1999) corroboram que, no processo de aprendizagem da língua escrita, a oralidade não pode ser deixada em segundo plano, defendendo que a aprendizagem daquela não representa uma ruptura com esta.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1998), referentes às séries finais do Ensino Fundamental, apontam o trabalho com alguns gêneros da linguagem oral e escrita, dos quais destaco a notícia e a entrevista, pela afinidade com o roteiro dos programas da Rádio Escolar.

Segundo este documento, as situações de ensino têm sido planejadas para a utilização da modalidade oral da linguagem apenas como instrumento para o estudo de conteúdos, tendo como referência a crença de que a aprendizagem da língua oral acontece no espaço doméstico.

No entanto, nas inúmeras situações sociais do exercício da cidadania que se colocam fora dos muros da escola - a busca de serviços, as tarefas profissionais, os encontros institucionalizados, a defesa de seus direitos e opiniões - os alunos serão avaliados (em outros termos, aceitos ou discriminados) à medida que forem capazes de responder a diferentes exigências de fala e de adequação às características próprias de diferentes gêneros do oral. Reduzir o tratamento da modalidade oral da linguagem a uma abordagem instrumental é insuficiente, pois, para capacitar os alunos a dominarem a fala pública demandada por tais situações (BRASIL, 1998, p. 25).

Portanto, o documento deixa claro que é papel da escola promover o uso da linguagem oral na escola, propondo situações didáticas com este objetivo.

Em pesquisa aos PCNs do Ensino Médio, Língua Portuguesa, constatam-se poucas referências à oralidade: como uma das competências e habilidades a serem desenvolvidas nas aulas de Língua Portuguesa “articular as redes de diferenças e semelhanças entre a língua oral e escrita e seus códigos sociais, contextuais e linguísticos (BRASIL, 2000, p. 10)”; e sobre o papel da linguagem na respectiva área, “A linguagem verbal, oral e escrita, representada pela língua materna, ocupa na área o papel de viabilizar a compreensão e o encontro dos discursos utilizados em diferentes esferas da vida social”. Também, na seção referente a “Rumos e desafios do trabalho na área de Linguagens”, consta que a análise de outras linguagens, dentre elas a radiofônica, sugere o encontro dos processos de linguagens no processo comunicativo.

3.4 Letramento

O termo “letramento” tem sido associado por alguns autores à alfabetização. Como exemplo, cito a autora Magda Soares (2004 apud SCHWARTZ, 2016), a qual entende a alfabetização e o letramento como processos interdependentes e complementares.

Letramento é palavra e conceito recentes, introduzidos na linguagem da educação e das ciências linguísticas há pouco mais de duas décadas. Seu surgimento pode ser interpretado como uma decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização (SOARES, 2004 apud SCHWARTZ, 2016, p. 62).

Por outro lado, Ferreiro (apud SCHWARTZ, 2016) afirma que alfabetização e letramento são sinônimos, pois falam sobre o mesmo tema, sendo aceitável o uso de um ou de outro, não se tratando de processos diferentes nem complementares.

A mesma autora menciona que a palavra *literacy*, comum na literatura estrangeira, tem sido comumente traduzida como “letramento” no Brasil. No entanto, ela afirma que “a melhor tradução para a palavra *literacy* é ‘cultura escrita’ e não letramento (FERREIRO apud SCHWARTZ, 2016, p. 62)”.

O autor Geraldi (2014) aponta como uma dificuldade na compreensão da expressão "letramento" a rápida expansão por diversos campos, sendo associada a "... todo o começo em diferentes conhecimentos (matemática, por exemplo), ou até mesmo em diferentes práticas técnicas que não tornam seus usuários especialistas (informática, por exemplo) passaram a se chamar de 'letramento matemático', 'letramento digital', 'letramento jurídico' etc (GERALDI, 2014, p. 3)".

Se a cada início num campo denominarmos o processo de "letramento", haverá tantos letramentos quantas forem as infinitas possibilidades de especialização das atividades humanas. E teríamos diferentes letramentos, como o emprego atual das adjetivações vai implicando: letramentos digital, jurídico, filosófico [...] (Ibidem, p. 5)

O autor menciona que o uso da expressão "diferentes letramentos" reconhece a real complexidade dos usos sociais da linguagem. E afirma que somos diferentes letrados de acordo com os diferentes campos de atividade "letrados e iletrados ao mesmo tempo (GERALDI, 2014, p. 5)". E que antigamente o nome utilizado era "especialização", sem caracterizar de iletrados sujeitos leitores e autores de textos em suas áreas, mas não leitores ou autores proficientes em áreas distantes de suas necessidades e interesses.

Ainda, segundo Kleiman (1995, p. 18-9), o letramento é um "conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos".

3.4.1 Letramento do professor

Sob a perspectiva de Kleiman (1995), o letramento do professor caracteriza-se como um conjunto de práticas que utilizam a escrita com o objetivo de contribuir para a mediação do professor no contexto de desenvolvimento da Rádio Escolar.

Segundo Reali e Reyes (2013, p. 16)

[...] além de dominar uma base de conhecimentos (teóricos, pedagógicos, científicos, técnicos, etc.) adequada para o ensino, os professores – assim como seus alunos - devem aprender a trabalhar em ambientes dinâmicos que se alteram e nos quais novos conhecimentos se constroem a partir de diferentes fontes e perspectivas. Aprender a aprender é uma demanda imprescindível para professores e alunos.

Logo, para aprender a trabalhar nesses ambientes dinâmicos, mutáveis, e construir novos conhecimentos, o professor precisa de novos e diferentes letramentos, para os quais esta pesquisa busca contribuir.

3.4.1.1 Letramento midiático

De acordo com Lemke (1998; 2002 apud GARCIA, SILVA e FELÍCIO, 2012), os termos *multimodalidade*, *multissemiose*, *multimídia* e *hipermídia* não são sinônimos:

[...] “multimodalidade” como as diferentes modalidades que se relacionam, reconhecendo que em uma mesma linguagem ou semiose há vários “modos” (gesto, entonação etc.). (...) “multissemiose” pode ser entendida como o conjunto das várias semioses e seus processos de significação. “Multimídia” seria a integração de várias mídias em um único meio, como por exemplo, a possibilidade de fazer convergir TV, rádio etc. (...) “hipermídia” seria mais do que a multimodalidade ou do que o hipertexto, articulando em rede linkada diferentes mídias e modalidades e estendendo-se aos modos de construção de sentidos diferenciados e aos esquemas interpretativos imprevisos que permitem leituras mais sofisticadas (Ibidem, p. 127).

Considerando que a Rádio Escolar integra diversas mídias, como o computador, o celular, o rádio, além de vídeos que podem utilizados como mecanismos de pesquisas de assuntos para pauta, é indispensável o letramento dos participantes do projeto, sejam os alunos ou o professor mediador.

As mudanças decorrentes das novas tecnologias mudaram a visão referente à escola, a qual passa a ser um espaço onde convivem letramentos múltiplos e diversos (ROJO, 2009 apud ROJO, 2012).

Isto aconteceu porque as tecnologias fazem parte do cotidiano de muitas pessoas, pois “Convive-se e ‘respira-se’ comunicação e informação na sociedade globalizada e precisa-se valorizar tal realidade (ASSUMPÇÃO, 2008, p. 20)”.

O letramento do professor faz parte deste “universo”, pois o docente precisa se inserir neste contexto de mudanças mostrando-se receptivo à aprendizagem para o manuseio das novas tecnologias.

Neste sentido, a autora afirma que “O educador precisa conhecer as linguagens midiática e multimídia (internet), as quais fazem parte do cotidiano do educando (Ibidem, p. 28)”.

As tecnologias de informação e comunicação (TICs) têm proporcionado novas reflexões sobre as situações e as práticas de letramento, assim como geram importantes efeitos no processo de escolarização, uma vez que oferecem várias possibilidades de trabalho no contexto escolar.

Segundo Lemke (2010), não há tecnologias isoladas, como uma ilha, pois quanto mais complexas elas são, mais estão relacionadas a outras redes,

tecnologias e práticas culturais mais amplas e longas. Portanto, não é possível construir significado com a língua de forma isolada. Ele associa a complexidade das TICs à operação de “multiplicação” e não de soma, por isto afirma que todo letramento é multimidiático.

[...] todo letramento é letramento multimídia: você não pode produzir sentidos apenas com a linguagem, deve haver sempre uma realização visual ou vocal de signos linguísticos que também implicam sentidos não linguísticos (ex: tom de voz ou estilo de ortografia)[...] Toda semiótica é semiótica multimídia e todo letramento é letramento multimídia (LEMKE, 1998 apud VIEIRA, SILVA e ALENCAR 2012, p. 185-6).

Segundo Lemke (1989, apud LEMKE, 2010), letramentos são legiões, que compreendem um conjunto de práticas sociais interdependentes que interligam pessoas, objetos midiáticos e estratégias de construção de significado. São parte de uma cultura e têm o papel de ligar significados e fazeres. Trata-se de tecnologias que nos levam a outras mais amplas.

O surgimento constante de novas tecnologias da informação está tornando tanto necessários quanto possíveis os letramentos genéricos da Era da Informação, os quais contemplam “habilidades de autoria multimidiáticas, análise crítica multimidiática, estratégias de exploração do ciberespaço e habilidades de navegação no ciberespaço (LEMKE, 2010, p. 4)”.

Diante deste contexto, para que o educando possa se tornar um sujeito ativo e crítico, é preciso que compreenda de forma crítica o processo e a linguagem das rotinas de produção da comunicação midiática - rádio, televisão, jornal e internet (ASSUMPÇÃO, 2008).

Apesar dessas novas tecnologias, especialmente, a mídia eletrônica (rádio e televisão) e a multimídia (Internet) transmitirem cultura, saberes e informação, a escola continua sendo a instituição do saber elaborado, o qual valoriza a visão crítica e reflexiva do aluno (Ibidem, p. 20).

3.4.1.1.1 Letramento digital

Na perspectiva do letramento multimidiático pesquisado por Lemke, é pertinente incluir o letramento digital. Segundo Coscarelli e Ribeiro (2007), as tecnologias abrem novos caminhos, e para incluir os alunos as escolas têm adquirido máquinas e montado laboratórios de informática. No entanto, as máquinas precisam de pessoas que as operem para o desenvolvimento de projetos

pedagógicos, o que requer a atualização dos docentes para a formulação de novas metodologias de ensino e inserção dos alunos e das disciplinas na Sociedade da Informação. Conforme Coscarelli e Ribeiro (2007), “Para atualizar os docentes é preciso repensar a sala de aula, refletir sobre os ambientes de ensino/aprendizagem, reconfigurar conceitos e práticas (Ibidem, p. 8).

Segundo as autoras, o contato com escrita e a leitura em ambiente digital é chamada de letramento digital. Portanto, a formação de professores é imprescindível para que os docentes estejam letrados digitalmente, o que os capacita a realizar atividades que promovam também o letramento dos alunos.

Pereira (apud COSCARELLI e RIBEIRO, 2007) menciona a exclusão ou o analfabetismo digital como o grande desafio das escolas, dos profissionais da educação e da sociedade civil. Neste sentido, a indiferença diante desta situação pode trazer prejuízos ao desenvolvimento das instituições ou seu envelhecimento prematuro, o que se observa na maioria das escolas públicas.

Conforme o autor, em sentido oposto temos a inclusão digital, como

[...] um processo em que uma pessoa ou grupo de pessoas passa a participar de métodos de processamento, transferência e armazenamento de informações que já são do uso e do costume de outro grupo, passando a ter os mesmos direitos e os mesmos deveres dos já participantes daquele grupo onde está se incluindo (Ibidem, p. 17).

A exclusão digital atinge muitos professores, seja por desmotivação para aprender o novo, diante da atual conjuntura de desvalorização da docência, seja pela falta de oportunidades de formação para o seu letramento. Neste sentido, o desenvolvimento do projeto Rádio Escolar pode ser um instrumento de inclusão digital, como forma de apropriação e conhecimento de informações acessíveis aos já incluídos.

O impacto da tecnologia da informação e comunicação está provocando mudanças graduais, porém, muitas vezes, radicais no trabalho, na educação e, de um modo mais geral, em nosso estilo de vida. A sociedade tem que utilizar, da melhor maneira, as tecnologias disponíveis. Esse novo ambiente tecnológico tem importância fundamental para a educação e para a formação, embora as escolas não estejam suficientemente equipadas de computadores e professores, precisam melhorar sua qualificação em termos de tecnologia. Numa economia global, cada vez mais baseada no conhecimento, a exclusão digital põe em risco o futuro do país (PEREIRA apud COSCARELLI e RIBEIRO, 2007, p. 21).

Para corroborar a ideia da importância do letramento digital do professor, Coscarelli afirma que “... o computador é uma máquina muito bacana, mas não faz nada sozinho. É preciso que o professor conheça os recursos que ele oferece e crie

formas interessantes de usá-los (COSCARRELLI apud COSCARRELLI e RIBEIRO, 2007, p. 26)”.

Ainda segundo a autora, a informática somente vai se caracterizar como uma tecnologia educacional se os professores estiverem preparados e familiarizados com os recursos básicos necessários para operar naturalmente com os equipamentos.

Neste sentido, é necessário o letramento digital, pois o projeto Rádio Escolar requer o uso do computador para a produção, gravação e edição dos programas.

A autora Frade (2002 apud COSCARRELLI e RIBEIRO, 2007) define o letramento digital como

um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – do que exercem práticas de leitura e de escrita no papel (Ibidem, p. 60).

No entendimento da autora, o letramento digital contempla não só a apropriação de uma tecnologia, como também o exercício efetivo das práticas que acontecem no meio digital.

Ela também menciona que hoje existem vários alfabetizados mas analfabetos digitais, os quais podem ter conhecimento dos diversos usos e funções das tecnologias mas sem operar diretamente com a máquina. Como exemplo, cita os professores brasileiros que ainda não dispõem das condições de acesso, mas compreendem os usos sociais desse suporte e da linguagem multimidiática.

Assim, no processo de letramento digital, é preciso primeiro que a pessoa seja alfabetizada digitalmente, ou seja, que conheça o código (significado das teclas, mouse, programas etc.), para depois, a partir da apropriação do código para uso, possa ser considerada letrada digitalmente.

Freire (1980, apud COSCARRELLI e RIBEIRO, 2007, p. 88), sobre a virtualidade, afirma que “... tem a ver também com a incompletude humana, gerando a recorrente busca de atualização”.

Ainda, segundo Ribeiro (apud COSCARRELLI e RIBEIRO, 2007), a educação mediada pelas novas tecnologias tem o compromisso ético de propor e lutar pela inclusão de todos, para superar a alienação.

3.5 O professor como mediador

A presente pesquisa situa o professor como mediador do processo de desenvolvimento do projeto Rádio Escolar. Neste sentido, é pertinente a abordagem de alguns conceitos referentes à mediação.

Segundo Houaiss (2001, apud MEIER e GARCIA, 2007), mediador é aquele que medeia, arbitra; serve de intermediário, de elo.

Embora geralmente o professor seja associado ao papel de mediador, em relação ao uso das tecnologias na escola, a realidade é que, em algumas situações, alternam-se os papéis entre o professor e o aluno: aquele deixa de ser o mediador passa a ser o mediado, e este assume o papel de mediador.

Conforme Debrian (1999, apud ASSUMPÇÃO, 2008, p. 21)

As crianças, adolescentes e jovens que frequentam hoje a escola convivem e ‘respiram’ essas novas tecnologias. Trazem para a sala de aula bagagem educativa e cultural advindas, especialmente, das mídias (eletrônicas) e da multimídia (Internet), o que comprova que os educandos de hoje, são a ‘geração da rede’.

Neste sentido, Gutierrez (1978:45 apud ASSUMPÇÃO, 2008, p. 21) afirma que “... o professor já não é o sabe-tudo, mas sim um co-investigador, co-aprendiz e co-responsável pela ação educativa”.

Segundo Assumpção (2008), infelizmente, em algumas escolas predomina o discurso pedagógico centrado no saber do professor como o poder, a autoridade e o detentor do conhecimento científico, ou seja, não entendem que o aluno possua ou traga na sua bagagem experiências, cultura e conhecimento adquiridos pelas novas tecnologias da comunicação e informação

Com o avanço das novas tecnologias da comunicação e da informação, a escola deixou de ser o local exclusivo do saber. Quando a criança chega à escola, já traz bagagem cultural, não sendo, como muitos educadores pensam, uma página em branco que será preenchida pela escola (Ibidem, p. 27).

Para Vygotsky (1993, apud OLIVEIRA, 2005), o professor é o “parceiro mais experiente”, o qual, através de um estímulo externo, vai causar uma mobilização interna que contribui para o desenvolvimento do ser humano.

Japiassu e Marcondes (2001, apud MEIER e GARCIA, 2007, p. 37), apresentam o termo “mediação” em seu sentido genérico, “como a ação de relacionar duas ou mais coisas, de servir de intermediário ou ‘ponte’, de permitir a passagem de uma coisa à outra”.

Assim, a configuração do professor como uma ponte, para a construção do conhecimento e do protagonismo dos alunos, está intrinsecamente relacionada ao seu papel de mediador.

Em relação a isto, os autores Meier e Garcia acrescentam

Não se pode continuar a permitir posturas autoritárias e vazias de professores que “empurram”, “passam”, “transmitem” informações aos alunos. Essa forma antidemocrática de agir não possibilita a vivência da democracia, nem o desenvolvimento da cidadania, ou da autonomia (MEIER e GARCIA, 2007, p. 192).

Por outro lado, Molon (1995, apud MEIER e GARCIA, 2007) apresenta uma concepção divergente: afirma que a mediação não é um ato de interposição entre dois termos para estabelecer uma relação, mas é o próprio processo, a própria relação.

3.6 Formação de professores

As novas práticas de letramento e multiletramentos exigem do professor uma formação pedagógica adequada, a qual pode acontecer na formação inicial de professores pelos cursos de licenciatura, ou através da formação continuada.

Para Reali e Reyes (2013, p. 16), mesmo que “... a literatura não aponte de forma conclusiva a influência da qualificação dos professores sobre o desempenho dos alunos, acredita-se fortemente na relação entre uma boa formação profissional e uma atuação competente”.

Melo, Oliveira e Valezi (2012) afirmam que há bastante a ser feito quanto à infraestrutura das escolas e à capacitação dos professores, diante da nova realidade social, permeada por novas práticas discursivas e tecnologias de informação, na qual o professor precisa promover mudanças em sua ação docente, como um meio de contribuir para a motivação e obtenção de melhores resultados no desenvolvimento dos alunos.

Segundo os autores, as inovações tecnológicas e mercadológicas ressignificam as relações sociais, assim como a prática docente, a qual se vê coagida a implementar mudanças significativas em torno das estratégias de ensino e de seus conteúdos.

Magalhães (2001) afirma que há uma relação próxima entre o sucesso/fracasso escolar e a formação de professores, o que nas últimas três décadas tem mobilizado para o debate não só os profissionais da educação, como também os de áreas específicas e o poder público.

Para Imbernón (2000, apud MIZUKAMI et al., 2010), o papel da formação inicial é fornecer ao licenciando as bases para construir um conhecimento pedagógico especializado, pois constitui-se no começo da socialização profissional e da assimilação de princípios e regras práticas da docência.

Segundo Reali e Reyes (2013),

[...] a formação inicial tem sido atualmente vista como um momento ou fase de um processo mais longo. Como qualquer outro aprendiz, o professor – ao participar de um processo de formação inicial – traz consigo conhecimentos e experiências prévias sociais e específicas que de algum modo vão influenciar as novas aprendizagens (Ibidem, p. 12).

Para as autoras, a aprendizagem da docência ocorre ao longo do tempo, sem se restringir a momentos isolados, e que a aprendizagem ativa exige o estabelecimento de relações entre os conhecimentos prévios e as novas compreensões do profissional.

[...] podemos dizer que a formação docente está relacionada às diferentes fases da vida, tais como as que antecedem a formação inicial, a própria formação inicial, a fase relativa aos primeiros anos de inserção profissional e assim por diante. Nesse sentido entendemos que as demandas formativas dos professores se alteram em função da fase da carreira em que se encontram e de características contextuais mais específicas (REALI e REYES, 2013, p. 16).

De acordo com Magalhães (2001), através dos tempos a formação de professores sofreu modificações na sua concepção. Na década de 1970 privilegiava-se a dimensão técnica, na década de 80 a preocupação voltou-se para a profissionalização em serviço, e na década de 90, surgiu a educação continuada.

Segundo Garcia (1992),

[...] a *educação continuada*⁵ não seria a tradicional justaposição entre formação inicial e aperfeiçoamento, mas uma formação voltada para o *desenvolvimento profissional dos professores* sempre em evolução e continuidade. Esse tipo de formação passa a ser propiciado na medida em que os pesquisadores interessados na questão mudam seus paradigmas de pesquisa migrando da pesquisa de tradição positivista para a pesquisa interpretativista (GARCIA, 1992, apud MAGALHÃES, 2001, p. 240).

⁵ Garcia utiliza a expressão *formação permanente*. No entanto, a autora optou por utilizar a expressão *educação continuada*.

Para Mizukami et al. (2010), a formação de professores é entendida como um *continuum*, ou seja, um processo de desenvolvimento profissional do docente para a vida toda. Knowles e Cole (1995, apud MIZUKAMI et al., 2010) utilizam os termos *career-long* ou *life-long career* para referir-se à formação do professor.

Mizukami et al. (2010) menciona a realização de momentos de formação na forma de eventos, geralmente cursos de curta duração, como meio de reciclagem ou capacitação do professor. Para Schön (1983, apud MIZUKAMI et al., 2010), este modelo de formação baseia-se na concepção de acúmulo de conhecimentos teóricos para posterior aplicação na prática.

Candau (1996, apud MIZUKAMI et al., 2010), ao revisar a problemática da educação continuada no Brasil nos últimos tempos, afirma que a preparação dos professores, na grande maioria dos projetos realizados, tem sido orientada na perspectiva clássica da reciclagem dos profissionais, como uma atualização da formação recebida.

Segundo a autora, na busca de novos caminhos de desenvolvimento da formação continuada, procura-se tratar de problemas educacionais por meio de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas pedagógicas e de uma permanente (re)construção da identidade do professor.

Neste sentido, Reali e Reyes (2013, p. 13) afirmam que “um professor está continuamente em evolução e permanentemente aprendendo (...) Trata-se, portanto, de um conjunto de processos que envolve conhecimentos teóricos e práticos, oriundos das experiências passadas e atuais”.

Em relação às políticas de formação de professores, Torres (1999, apud MIZUKAMI et al., 2010) afirma que a ênfase recai sobre a aprendizagem e o rendimento escolar dos alunos, desconsiderando a importância da aprendizagem do professor.

Neste sentido, é preciso rever a organização dos cursos de formação, pois as instituições e os programas de formação docente têm sido uma mostra da escola de transmissão, autoritária, burocrática, a qual desconsidera a aprendizagem.

Construir uma escola diferente implica, sob esse ponto de vista, um compromisso prioritário com a transformação do modelo tradicional de formação docente: não se pode exigir que docentes realizem em suas aulas o que não veem aplicado na própria formação (TORRES, 1999, apud MIZUKAMI et al., 2010, p. 39).

Sobre a importância da informação continuada, é pertinente a frase “... mais importante que conseguir um diploma, é mantê-lo vivo (DEMO apud MAGALHÃES, 2001, p. 239)”. Entretanto, no cenário atual da educação pública, existem muitos obstáculos para que professor mantenha o seu diploma “vivo”, pois diante dos baixos salários, precisam atuar em uma média de três escolas, o que resulta em uma alta carga horária diária e semanal e pouco tempo para estudo. Além disso, as equipes diretivas das escolas dificultam a liberação dos docentes para participarem de encontros de formação, alegando a falta de professores substitutos.

Segundo Mizukami et al. (2010), o que se percebe nas escolas é que em geral os encontros de formação são voltados para a questões administrativas. Neste sentido, McDiarmid (1995, apud MIZUKAMI et al., 2010) afirma que é preciso considerar que os professores precisam de tempo e espaço mental (a serem assegurados institucionalmente e pelas políticas públicas de educação), para o seu desenvolvimento profissional.

[...] a escola, como local de trabalho, assume importância considerável na promoção do desenvolvimento profissional de seus participantes (professores, corpo técnico-administrativo, alunos, famílias, comunidade), o que pode reverter em benefícios para a escola e para processos de ensino-aprendizagem nela realizados (Ibidem, p. 182).

Magalhães (1994) aponta como um dos modelos de formação a do professor reflexivo, em virtude da diversidade metodológica e epistemológica.

[...] o professor reflexivo não poder ser “fabricado” pelas instituições de formação de professores de tradição na racionalidade técnica, pois sua formação envolve não só um trabalho teórico, mas, essencialmente, um trabalho conjunto acerca de sua prática, visto que [...] o processo reflexivo necessita ser experienciado pelo professor, com a assistência de um outro que o leve a questionar situações que torna como verdades (MAGALHÃES, 1994 apud MAGALHÃES, 2001, p. 245).

A autora apresenta três modelos de formação em serviço que indicam a reflexão como fator central da modificação da prática pedagógica do aluno-professor: o professor enquanto etnógrafo da sua prática; a (auto)formação do professor via letramento; e o professor reflexivo via cursos de especialização.

O produto pedagógico desta pesquisa, ou seja, o tutorial para o letramento do professor, pode ser um instrumento de (auto)formação do professor para a realização do projeto Rádio Escolar.

Segundo Pinto, Gomes e Silva (2005), a partir da Lei de Diretrizes e Bases, a formação de professores (inicial e continuada) ganhou destaque, com a extinção da

formação em nível médio e, conseqüentemente a necessidade de formação superior dos profissionais em exercício. Também surgiu a exigência do acompanhamento permanente e atualizado dos professores em relação às políticas educacionais.

Essas novas deliberações legais geraram uma mobilização, forçada pelas decisões dos governos federal e estadual, para atender à formação docente com um padrão de qualidade. Além disso,

[...]a área de estudos a respeito da formação de profissionais para o magistério tem uma história que se tem desenvolvido ao longo de muitas décadas e se caracterizado como um campo fértil de pesquisas e de interesse antigos. Em outras palavras, não são recentes nem provocadas pelas pressões atuais as muitas frentes de estudos sobre formação de professores (PINTO, GOMES E SILVA, 2005, p. 67).

De acordo com a bibliografia especializada referente à formação de professores, o processo de formação de professores ultrapassa os cursos de formação e envolve

[...] a aquisição, a mobilização e a articulação/transformação de saberes e competências heterogêneas, vinculados a práticas socioculturais específicas, não restritas às de letramento e indissociáveis de contextos institucionais historicamente situados (SIGNORINI, 2005, p. 96).

Segundo a autora, a formação profissional é um processo em fluxo constante, marcado pela heterogeneidade e pelo desnivelamento das práticas, pela plasticidade e pelo dinamismo das relações que vão se configurando, diante dos aportes e das necessidades que surgem, tanto nos cursos de formação quanto no trabalho na escola.

3.6.1 Documentos orientadores da Formação Inicial

Para verificar quais as orientações que os documentos legais estão indicando para a organização e funcionamento dos cursos de licenciatura, especialmente o incentivo ao uso de mídias e tecnologias no planejamento das atividades da Educação Básica, realizei uma pesquisa na Resolução CNE/CP 02 de 01 de julho de 2015, a qual define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada.

No documento, em relação ao público docente ao qual se aplicam as diretrizes de formação inicial e continuada, consta no artigo 2º, § 2º:

No exercício da docência, a ação do profissional do magistério da educação básica é permeada por dimensões técnicas, políticas, éticas e estéticas por meio de sólida formação, envolvendo o domínio e manejo de conteúdos e metodologias, diversas linguagens, tecnologias e inovações, contribuindo para ampliar a visão e a atuação desse profissional (BRASIL, 2015, p. 3).

No texto, percebe-se uma menção genérica a “tecnologias”, sem especificar quais são as mídias, como por exemplo, a rádio escolar.

O Art. 5º, inciso VI, da referida resolução, orienta para que o(a) egresso(a) seja conduzido “[...] ao uso competente das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) para o aprimoramento da prática pedagógica e a ampliação da formação cultural dos(das) professores(as) e estudantes; [...] (Ibidem, p. 6)”.

Na sequência do documento, o art. 7º apresenta que o(a) egresso(a) deverá possuir um repertório de informações e habilidades cuja consolidação virá do exercício profissional. O parágrafo único menciona

O PPC, em articulação com o PPI e o PDI, deve abranger diferentes características e dimensões da iniciação à docência, entre as quais: (...) VIII - desenvolvimento, execução, acompanhamento e avaliação de projetos educacionais, incluindo o uso de tecnologias educacionais e diferentes recursos e estratégias didático-pedagógicas; [...] (BRASIL, 2015, p. 7)

Neste trecho, há uma referência aos projetos educacionais, com menção ao uso de tecnologias. Embora não detalhe o desenvolvimento de projetos com uso de mídias como o rádio, pode significar um avanço, se as matrizes curriculares dos cursos (reelaboradas até julho de 2017) contemplarem componentes que abordem o desenvolvimento de projetos com tecnologias educacionais.

Em relação ao perfil do(a) egresso(a) dos cursos de formação inicial, o inciso V do art. 8º apresenta “relacionar a linguagem dos meios de comunicação à educação, nos processos didático-pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias de informação e comunicação para o desenvolvimento da aprendizagem;... (BRASIL, 2015, p. 8)”. Portanto, ao mencionar os meios de comunicação, embora não esteja explícito no texto, pode subentender-se também o rádio. Ainda, consta o “domínio das tecnologias de informação e comunicação”, do que se pode inferir que os egressos concluirão a formação inicial letrados midiática e digitalmente.

No artigo 11, lê-se que a formação inicial requer projeto com identidade própria, mesmo que articulado com outros cursos, inclusive bacharelados ou tecnológicos. O projeto deve garantir:

[...] V - projeto formativo que assegure aos estudantes o domínio dos conteúdos específicos da área de atuação, fundamentos e metodologias, bem como das tecnologias; (...) VII - recursos pedagógicos como biblioteca, laboratórios, videoteca, entre outros, além de recursos de tecnologias da informação e da comunicação, com qualidade e quantidade, nas instituições de formação; [...] (BRASIL, 2015, p. 9)

Neste trecho do documento orientador, constata-se a referência à garantia do domínio também das tecnologias, bem como a disponibilidade de recursos de tecnologias de informação. Desta forma, reitera-se que o(a) egresso(a) deverá estar letrado midiática e digitalmente.

Cabe mencionar que a Resolução CNE/CP 02, de 01 de julho de 2015, revoga a Resolução CNE/CP nº 1, de 18 de fevereiro de 2002 e suas alterações. Ao compará-las, ambas não mencionam explicitamente quais meios de comunicação ou tecnologias devem ser trabalhados na formação inicial de professores, mas a resolução vigente menciona o desenvolvimento, acompanhamento, avaliação e execução de projetos educacionais com o uso de tecnologias, o que pode ser considerado um avanço na legislação, mesmo que não explicita quais mídias os projetos devem contemplar, especificamente o rádio.

3.6.2 Documentos orientadores da Formação Continuada

Da mesma forma que procedi em relação à formação inicial, realizei uma pesquisa em alguns documentos que orientam a organização e funcionamento do Ensino Fundamental e Médio, para verificar se há orientações para o trabalho com o uso de mídias e tecnologias, em especial o rádio.

A Resolução CNE/CEB 04, de 13 de julho de 2010, contém as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. O documento, no artigo 14 § 3º, orienta para que a proposta curricular seja perpassada transversalmente pela Base nacional comum e a parte diversificada, contemplando as tecnologias de informação e comunicação.

A Resolução CNE/CEB 7, de 14 de dezembro de 2010, apresenta as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Consta no artigo 28, a “utilização qualificada das tecnologias e conteúdos das mídias como recurso”, devendo a escola ser um “... ambiente de inclusão digital e de utilização crítica das tecnologias da informação e comunicação”, com apoio do sistema para a “I - provisão de recursos midiáticos atualizados e em número

suficiente para o atendimento aos alunos; e II - adequada formação do professor e demais profissionais da escola (BRASIL, 2010, p. 8)”.

A Resolução CNE/CEB nº 2, de 30 de janeiro de 2012, contém as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Sobre a oferta e organização deste nível de ensino, consta no artigo 5º, inciso VII “integração entre educação e as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como base da proposta e do desenvolvimento curricular (Idem, 2012, p. 2)”.

Na mesma resolução, no artigo 16, inciso VIII, referente ao conteúdo do projeto político-pedagógico, consta a “utilização de diferentes mídias como processo de dinamização dos ambientes de aprendizagem e construção de novos saberes” [...] e no inciso XX: “produção de mídias nas escolas a partir da promoção de atividades que favoreçam as habilidades de leitura e análise do papel cultural, político e econômico dos meios de comunicação na sociedade;... (Ibidem, p. 7)”.

Em relação à formação continuada, consideremos a Resolução CNE/CP 02 de 01 de julho de 2015, a qual define também as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação continuada.

Consta, no parágrafo único do art. 16:

A formação continuada decorre de uma concepção de desenvolvimento profissional dos profissionais do magistério que leva em conta: (...)
II - a necessidade de acompanhar a inovação e o desenvolvimento associados ao conhecimento, à ciência e à tecnologia; [...] (BRASIL, 2015, p. 14)

Neste trecho do documento, é mencionada a necessidade de acompanhar a inovação e o desenvolvimento, associando-os também às tecnologias, porém sem mencioná-las.

A partir da análise dos documentos que orientam a formação continuada para a docência na Educação Básica, percebe-se que são recorrentes os termos *mídias* (utilização e produção) e *tecnologias de informação e comunicação*, mas sem menção clara ao desenvolvimento de projetos como a Rádio Escolar.

Neste sentido, por não haver uma menção explícita à rádio, é imprevisível a sua inclusão ou não nos programas de formação inicial e continuada. Portanto, essa pesquisa vem a suprir a falta de formação inicial e continuada dos professores para a realização do projeto Rádio Escolar, através da elaboração de um tutorial.

4 METODOLOGIA DA PESQUISA

4.1 Pesquisa qualitativa

A pesquisa apresenta um caráter qualitativo, pois a análise e interpretação dos dados será realizada através da reflexão sobre todo o processo, os sujeitos envolvidos e a realidade.

Neste sentido, a singularidade do pesquisador tem um papel importante no entendimento dos dados. Mason (1996 apud RIBEIRO, 2005) afirma que analisar o papel do pesquisador no processo de geração de dados é um dos maiores desafios do pesquisador que aplica métodos qualitativos.

Segundo Martins (2004, p. 289 apud VÓVIO e SOUZA, 2005, p. 48-9), a metodologia de natureza qualitativa “privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise”.

Conforme a autora, trata-se de um processo que, em vez de identificar e categorizar processos, permite um exame mais aprofundado das interações entre os sujeitos e do modo como essas interações ocorrem em determinados contextos.

Neste processo de interação entre os sujeitos (o professor pesquisador, o professor pesquisado e os alunos pesquisados), Martins indica a importância do diálogo e de uma relação de confiança que autorize os sujeitos a entrar em territórios, participar de práticas e observar livremente. A qualidade dessas relações é que vai orientar as condições para a geração de dados.

Também é preciso haver cooperação e aproximação entre todos, e que a participação no processo de pesquisa seja o atendimento a um convite

[...] à participação no processo de pesquisa. É neste que se dá a aproximação entre dois universos – pesquisador e pesquisado -, que se constroem oportunidades para o estabelecimento de pactos e acordos, bem como para a explicitação de necessidades para a realização da pesquisa (VÓVIO e SOUZA, 2005, p. 51).

Além disso, a pesquisa é colaborativa (SILVA, 2001 apud VÓVIO e SOUZA, 2005), pois contou com a colaboração de uma professora, a qual participou de encontros de formação para atuar como mediadora no desenvolvimento do projeto Rádio Escolar.

Neste sentido, a autora afirma que, para realizar um trabalho compartilhado, a relação entre o pesquisador e o pesquisado exige do primeiro uma atitude constante

de deslocamento do seu foco para situar-se a partir do foco do outro, em busca de uma interlocução mais horizontal.

Na presente pesquisa, para a geração de dados, foram aplicados questionários, como forma de estabelecer um perfil dos sujeitos participantes:

O questionário, um instrumento típico da abordagem quantitativa, normalmente é utilizado para estabelecer correlações e realizar análises com intuito de generalização dos resultados para um universo amplo de sujeitos ou eventos. Em relação aos grupos que tomam parte desta pesquisa, o questionário tem a função de colaborar para o desenho de seu perfil (VÓVIO e SOUZA, 2005, p. 58).

Além do questionário, foram digitados diários reflexivos como instrumentos importantes para o registro dos acontecimentos e sistematização do processo de pesquisa, bem como houve a gravação de áudios e anotações durante os encontros.

A variedade de dados obtidos, própria da pesquisa qualitativa, torna o processo de análise complexo, o que “exige do pesquisador a capacidade integrativa e analítica, a estreita aproximação aos dados, fazendo-os falar da forma mais completa possível (MARTINS, 2004 apud VÓVIO e SOUZA, 2005, p. 58)”.

4.2 Paradigma Indiciário

Nesse processo de análise e interpretação dos dados, foi utilizada a metodologia do Paradigma Indiciário, desenvolvida por Carlo Ginzburg⁶, na qual a partir da análise de pistas, indícios, sinais reveladores etc. é realizado um caminho interpretativo, cuja construção baseia-se na abdução, considerando a singularidade do pesquisador durante o processo de análise e interpretação dos indícios, o qual pode ser revelador.

Segundo Coelho (2009),

A pesquisa sobre as raízes do *Paradigma Indiciário* conduziu Ginzburg a um precioso insight: se ‘a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la’. Ademais, ‘que caracteriza esse saber é a capacidade, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, de remontar a realidade complexa não experimentável diretamente’ (GINZBURG, 1989, p. 152 apud COELHO, 2009, p. 2).

De acordo com Ginzburg, a investigação baseada em indícios já era realizada pelos primeiros grupos humanos

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas

⁶Carlo Ginzburg é um historiador italiano que, em suas obras, tem apresentado e desenvolvido o método do Paradigma Indiciário.

pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barbas. Aprendeu a fazer operações com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas. (...) O caçador teria sido o primeiro a ‘narrar uma história’ porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas uma série coerente de eventos. ‘Decifrar’ ou ler’ as pistas dos animais são metáforas (GINZBURG, 1989, p. 151-2 apud COELHO, 2009, p. 2-3).

Neste sentido, a opção pela metodologia do Paradigma Indiciário tem como objetivo a minuciosa busca de pistas e indícios nos dados gerados, analisados e interpretados, incluindo aqueles aparentemente sem relevância, durante o processo de realização da pesquisa.

Conforme Giovani, “o paradigma indiciário concede rigor metodológico para análises do tipo qualitativas, em que se busca compreender realidades não percebidas diretamente (GIOVANI, 2006, p. 62)”.

4.3 Desenvolvimento da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Médio (EEEM) Dr. Carlos Antônio Kluwe, a mesma em que realizei o projeto-piloto indicado pelo componente curricular “Teoria e Prática no Ensino de Línguas”, considerando o interesse da equipe diretiva e dos alunos envolvidos.

4.3.1 Apresentando a escola

A Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Antônio Kluwe é uma escola tradicional de Bagé, conhecida popularmente como “Estadual”. Localizada na Avenida General Osório, nº 1439, recebeu o nome de um renomado médico e ex-prefeito de Bagé.

Em dezembro de 2016, a escola possuía a matrícula de 1.250 alunos no Ensino Médio, distribuídos em 32 turmas, sendo 16 no turno da manhã, 10 no turno da tarde e 7 no turno da noite. O educandário conta com o trabalho de 67 professores e 17 funcionários.



Figura 1 – EEEM Dr. Carlos Antônio Kluwe
 Fonte: foto de capa - grupo “Carlos Kluwe” no *Facebook*.

4.3.2 Constituindo um grupo de professores

O contato com a equipe diretiva, para o desenvolvimento da pesquisa, aconteceu em janeiro de 2016, considerando que o projeto deveria ser desenvolvido a partir do primeiro semestre desse ano. Neste sentido, ficou definido como e quando eu apresentaria o projeto aos professores, sendo que eu os convidaria a participar do grupo de formação continuada durante uma reunião de docentes.

A direção da escola, num primeiro momento, disse que os encontros de formação poderiam acontecer com os professores da área de Linguagens, já que os horários seriam organizados para que os docentes da escola tivessem uma carga horária semanal de no máximo 14 horas, de modo que restariam 2 horas para a participação em projetos, considerando que a média de carga horária dos professores de 20 h é de 16 horas, enquanto a dos docentes de 40 h é 32 horas.

No final de fevereiro, houve o reinício das atividades do ano letivo, quando, em reunião com os professores, foi comunicado que, por determinação da 13ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), seriam atribuídas 16 horas-aula semanais aos professores, pois a Coordenadoria rejeitara a proposta inicial da escola, de atribuição de 2 horas da carga horária dos professores para o desenvolvimento e a participação em projetos.

Dessa forma, a constituição do grupo de professores da Área de Linguagens para realizar a formação continuada para a mediação no desenvolvimento da rádio escolar deixou de ser viável, uma vez que os docentes não teriam mais carga horária disponível para projetos.

Assim, voltei a dialogar com a diretora da escola, quando sugeri enviar um convite por e-mail aos professores para participarem dos encontros de formação.

Entretanto, a diretora sugeriu que o convite não fosse feito a todos, e indicou uma docente que atuava na biblioteca da escola.

Assim, a ideia inicial de formar um grupo de professores para realizar a formação continuada precisou ser desconsiderada, pois eu contaria com a participação de apenas uma professora no processo.

4.3.3 Fazendo ajustes no planejamento

A partir da definição de quem seria a professora-colaboradora (optei por utilizar o termo “colaboradora” na fase de realização dos encontros de formação), fiz contato para combinar a periodicidade e horário dos encontros. Considerando que eu trabalhava em outra Instituição durante o dia, propus à professora que realizássemos os encontros no intervalo entre os turnos da tarde e noite, o que, na minha imaginação, seria bom também para a professora que atuava na escola à tarde. Se ela concordasse, eu poderia convidar os alunos do turno da noite para participarem da produção do programa, antes do início das aulas. No entanto, a professora declarou que precisava sair ao final do horário de expediente do turno da tarde, pois tinha outros compromissos. Assim, precisei adaptar meus planos à disponibilidade da colaboradora, e realizar os encontros durante o turno de trabalho dela, ou seja, à tarde. Sem opção, solicitei autorização da Instituição em que trabalho durante o dia para sair por uma hora, semanalmente, para a realização dos encontros com a professora. Assim, os três encontros com a colaboradora aconteceram nas segundas-feiras, das 14 h às 15 h, de 16 de maio a 22 de agosto de 2016, com um intervalo na realização dos encontros devido à greve dos professores estaduais, e posteriormente às férias de inverno. Com a mudança no meu planejamento, eu não mais poderia contar com a participação dos meus alunos do noturno na produção do programa. Mas naquele momento pensei “Um passo de cada vez, enquanto eu realizo os encontros com a professora-colaboradora, outras portas devem se abrir”.

Assim, ficou acertado que os encontros de formação seriam realizados na biblioteca da escola, pois a professora-colaboradora participaria das atividades do projeto concomitantemente com as suas atribuições de bibliotecária.

4.3.4 Conhecendo a professora-colaboradora

No primeiro encontro, para delinear um perfil da professora colaboradora, solicitei que preenchesse um questionário referente à carga horária semanal de trabalho docente; número de escolas em que atua; formação inicial; pós-graduação; disciplinas que leciona; tempo de exercício como docente; experiência na realização de projetos; experiência na realização da Rádio Escolar; e por que atendeu ao convite para participar da formação de mediadores para a realização do projeto (Anexo F).

Segundo os dados informados no questionário, a professora tem formação no Ensino Superior em Letras, e não realizou curso de pós-graduação. Possui 30 anos de experiência profissional, com carga horária de 40 horas-semanais e atuação na docência das disciplinas de Português e Literatura, na EEEM Silveira Martins. Na EEEM Dr. Carlos Antônio Kluwe, atuou na biblioteca em 2016. Possui experiência na realização de projetos, inclusive na realização da Rádio Escolar. Em relação ao porquê de ter atendido ao convite para participar dos encontros de formação e atuar como mediadora do projeto, respondeu:

Todos os projetos que venham ao “encontro” com aprendizagem, conhecimento e informação são de grande valia para os jovens alunos, alavancando novos incentivos para outras atividades e autoestima; a nível social e emotivo. Todas as aprendizagens são de grande valia e utilidade.

4.3.5 Realizando os encontros de formação

A organização dos encontros de formação contemplou três etapas, cujo planejamento e execução descreverei na sequência.

Encontro de Formação nº 01

No primeiro encontro de formação, o planejamento contemplava a apresentação de slides referentes ao projeto de pesquisa do Mestrado em Ensino de Línguas (tema, questão de pesquisa, objetivos, justificativa, produto pedagógico, metodologia e fundamentação teórica – Anexo A) e a apresentação de arquivo em formato *word* referente às etapas do projeto Rádio Escolar na Escola Carlos Kluwe (Anexo B). O encontro, registrado em áudio, aconteceu segundo o planejamento inicial, sendo que a professora mostrou-se bastante participativa, falante e motivada a dar continuidade ao projeto Rádio Escolar, pois ela trabalhava de segunda a

quinta-feira na escola, e em 4 turnos, poderia conciliar as atividades de bibliotecária com as atividades do projeto.

A professora fez várias intervenções durante a apresentação dos arquivos para falar de sua prática docente. Por exemplo, quando eu falei sobre a rádio escolar como forma de trabalhar a oralidade (deixada de lado em algumas disciplinas) e a redação, ela disse “Nas minhas aulas de Português eu faço leitura com os alunos...”, “Hoje eu trabalhei redação com meus alunos... deixa eu te mostrar a atividade que fiz, vou te dar uma cópia...”. Também, em meio às apresentações de slides, a professora questionou-me “Quais disciplinas tu estás trabalhando?” “Em que série?” “Literatura? Vou separar uma caixa de livros de autores modernistas. Olha, eu tenho aqui um polígrafo do professor André⁷, sobre os autores modernistas, vou separar os livros para ti”. Além disso, houve algumas interrupções durante o encontro, para que a docente atendesse alunos que solicitavam materiais da biblioteca. Assim, eu a escutava em suas intervenções, aguardava os atendimentos e, dentro do possível, direcionava o foco para o meu planejamento.

Encontro de Formação nº 02

O segundo encontro aconteceu quase três meses após o primeiro, devido à greve dos professores estaduais e às férias de inverno. Ciente disso, previ no meu planejamento uma conversa sobre os principais aspectos dos materiais apresentados no primeiro encontro, como forma de resgatá-lo. Também, planejei a apresentação de slides referentes à rádio (história, termos de uso radiofônico, proposta de estrutura de roteiro do programa, exemplos de falas, dicas para a realização dos programas - Anexo C); a apresentação do programa gravado na escola em 2015⁸; e a definição dos critérios de seleção dos alunos para participação no projeto.

Ao chegar na biblioteca, encontrei a professora desmotivada, diante de mudanças na sua vida profissional: dos quatro turnos em que atuava na Escola Carlos Kluwe, em dois ela teria que atuar em outra escola, por determinação da Coordenadoria Regional de Educação, cuja gestão tem priorizado a atuação do

⁷ Nome fictício.

⁸ Programa 01 da Rádio Galera CK. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=qUtR6sU0t5k&t=14s>> Acesso em 09 jan. 2017.

professor na sala de aula, em detrimento de setores como a biblioteca da escola. Exemplo disso é que a biblioteca da Escola Carlos Kluwe, com um público-alvo de 1.250 alunos, no segundo semestre de 2016 funcionava durante quatro manhãs, duas tardes e nenhuma noite, por falta de profissionais, ou seja, dos quinze turnos possíveis, funcionava em seis.

Assim, escutei a docente no seu desabafo, como forma de fortalecer o diálogo e confiança entre nós. Diante do contexto, o projeto provavelmente não teria continuidade na escola, mas naquele momento eu precisava continuar desenvolvendo a minha pesquisa. Sem registros em áudio neste encontro, fiz algumas anotações. Na sequência, realizei a apresentação de slides referentes à rádio: história do rádio no Brasil, alguns termos de uso radiofônico, proposta de estrutura de roteiro do programa, exemplos de falas etc (Anexo C).

Durante a apresentação dos slides, a docente mencionou que gostava de ouvir a rádio Difusora AM, e que eu poderia convidar um locutor para vir à escola conversar com os alunos do projeto. Eu apoiei a ideia, sugerindo um profissional das rádios Delta FM ou POP *Rock*, considerando que estas emissoras apresentam uma programação musical mais atraente ao público adolescente da escola. Com esta situação, pensei que o professor mediador precisa participar do mundo dos adolescentes, apresentando suas preferências e conhecendo as deles, se não, pode desmotivá-los.

Conforme mencionado, os encontros tinham duração de uma hora (60 minutos), então diante do tempo despendido na conversa inicial com a professora, não pude contemplar todo o planejamento do encontro, faltando a apresentação do programa gravado na escola em 2015 e também a definição dos critérios de seleção dos alunos para participação no projeto.

Encontro de Formação nº 03

Para este encontro, eu planejava abordar os pontos não executados no último encontro, bem como apresentar o programa *Audacity* e planejar em conjunto o primeiro encontro com os alunos. Nesta etapa, o encontro foi gravado em áudio. A professora começou a falar sobre a sua prática docente na outra escola. Inicialmente, eu a escutei, mas preocupada com o meu cronograma e planejamento, atentei para que ela ouvisse o programa realizado em 2015, para melhor contextualizar o projeto e seu resultado.

Ela reagiu diante do programa, dizendo “Podemos tocar MPB..., ler um poema..., apresentar notícias da escola, do mundo...”. Eu a incentivei dizendo “Isso, boa ideia...” A seguir, apresentei o *software Audacity*, abrindo o programa no meu *notebook*, e mostrei à professora o menu, explicando as funcionalidades úteis à gravação com microfone, inserção de músicas e edição do programa de rádio. Durante este processo, a colaboradora apenas escutou. Quando eu concluí, ela disse “É tu que vai mexer nele né... eu não uso as tecnologias, sou macaca velha e ano que vem vou me aposentar”. Eu disse que gostaria de ensiná-la a usar o programa, ao que ela respondeu “... é muito difícil, eu nunca vou aprender, nem tenho tempo para isto...”. Posteriormente, fizemos o planejamento dos encontros entre professora-mediadora e alunos, tratando dos critérios de seleção dos estudantes e de quais materiais seriam apresentados a eles sobre o projeto.

Importante mencionar que, durante os encontros com a professora-colaboradora, utilizei como metodologia a apresentação de slides, como forma de tornar os encontros mais interessantes, bem como motivá-la para o uso das tecnologias, com as quais ela não se mostrou familiarizada ou interessada em aprender a manuseá-las, conforme falas do parágrafo anterior. Em um dos momentos deste encontro, ela perguntou-me se eu realizaria o projeto com os estudantes, ao que respondi “Serei apenas a observadora, mas estarei à disposição sempre que precisares”.

Assim, passamos ao planejamento dos encontros com os alunos, com início previsto para a próxima semana, quando a professora-colaboradora iria até a sala de aula para convidar os alunos a participarem, durante a aula de uma professora que se prontificou a colaborar para a realização do projeto Rádio Escolar, em uma reunião de professores em que eu apresentara o meu projeto de pesquisa. No encontro, a primeira atividade seria a apresentação, pela professora-colaboradora, de slides (Anexo C), os mesmos que eu havia apresentado a ela. Na sequência dos encontros, estava prevista a produção do programa pelos alunos, com a mediação da colaboradora. A partir disto, seria realizada a gravação e posteriormente, a edição.

Também conversamos sobre as possibilidades de divulgação do programa, sendo definida a audição por meio da caixa de som durante o recreio, assim como a postagem do arquivo do programa no grupo da escola na rede social *Facebook*.

Nesse encontro de formação, da mesma forma que nos anteriores, houve algumas interrupções nas atividades, devido ao acesso de alunos que precisavam do atendimento da professora-colaboradora, bem como a solicitações da equipe diretiva da escola para que a docente realizasse algumas ações inerentes ao seu trabalho como bibliotecária.

4.3.6 Dificuldades na constituição do grupo de alunos

Conforme mencionado anteriormente, considerando que a professora-colaboradora não podia participar dos encontros no intervalo entre as aulas dos turnos da tarde e noite, o planejamento inicial de envolver os alunos do noturno na realização do projeto não seria mais possível.

Assim, em diálogo com a professora orientadora dessa pesquisa, surgiu a ideia de convidar duas alunas bolsistas de um projeto desenvolvido pela orientadora, para que participassem do projeto. Em contato com as meninas, constatou-se que uma delas estudava no turno da tarde (o mesmo dos encontros) e a outra no turno da manhã, mas tinha outro compromisso nas segundas-feiras, das 14 às 15 horas.

Dessa forma, eu ainda não havia constituído um grupo de alunos para participarem do projeto. Conforme mencionado anteriormente, em uma reunião, fui convidada pela Coordenação Pedagógica da escola a apresentar meu projeto de pesquisa aos colegas. Ao concluir a apresentação, uma colega que atua no turno diurno colocou-se à disposição para ajudar na organização de um grupo de estudantes. Ela trabalhava, nas segundas-feiras à tarde, com alunos do turno da manhã, os quais vinham no turno oposto para assistir ao componente de “Seminário Integrado”, que integra a matriz curricular do Ensino Médio Politécnico⁹. Portanto, a professora disse que eu podia ir até a sala de aula da turma e convidar os alunos a participarem do projeto.

⁹ O Ensino Médio Politécnico foi implantado nas Escolas Estaduais do RS em 2012 (na 1ª série), em 2013 (na 2ª série) e em 2014 (na 3ª série). A proposta articula as disciplinas a partir das áreas do conhecimento (Ciências Humanas, Ciências da Natureza, Linguagens e Matemática e suas tecnologias), e apresenta também a disciplina de Seminário Integrado, na qual os alunos desenvolvem atividades de pesquisa, colocando em prática os conhecimentos teóricos.

Assim, na data planejada para a realização do primeiro encontro da professora-mediadora com os alunos, a docente dirigiu-se à sala de aula onde estava a turma para convidá-los a participarem. Como a partir daquele momento eu atuaria como observadora, achei melhor não acompanhá-la durante o convite.

Logo depois, a professora-colaboradora retornou acompanhada de uma aluna, mencionando que havia poucos estudantes na sala, devido à forte chuva naquele dia.

4.3.7 Realizando os encontros entre mediadora e alunos

Primeiro encontro

Aconteceu com a participação da aluna Jéssica¹⁰, estudante da segunda série do Ensino Médio, no turno da manhã, e com aulas no turno da tarde nas segundas-feiras, quando o projeto estava sendo realizado.

Logo que Jéssica entrou na biblioteca, cumprimentei-a e disse que iria gravar o áudio do encontro, mas que não citaria os nomes dos participantes na pesquisa.

Assim, auxiliei a professora-mediadora, abrindo o arquivo contendo slides referentes à rádio (história do rádio, projeto Rádio Escolar, etapas, roteiro, gêneros textuais - notícia e entrevista, estrutura de roteiro, exemplos de fala, dicas para falar bem etc.), e esperei que a docente continuasse a atividade, quando ela me disse "... tu passas os slides...", o que fiz. Importante mencionar que os slides eram uma adaptação dos que eu havia apresentado à professora-colaboradora no primeiro encontro de formação, e disponibilizei-os para que ela apresentasse à aluna, considerando que a docente manifestou não trabalhar com a elaboração e projeção de slides na sua prática profissional, e também como meio de tornar o encontro mais interessante e motivador. Durante a apresentação, a professora fez a leitura dos slides, intercalando-a com perguntas e falas sobre a vida pessoal da estudante, a qual estivera afastada por motivo de gravidez. Também a docente sugeriu "... Jéssica, tu poderias apresentar a tua experiência de adolescente-mãe no programa da rádio"; e questionou-a "Tu casaste com o pai da criança? Moram juntos?..." Diante das interferências, eu me manifestei algumas vezes, tentando trazer o foco ao projeto. Assim, transcorreu o primeiro encontro com a aluna, ficando combinado

¹⁰ Nome fictício

que o próximo encontro aconteceria na semana seguinte. A partir deste primeiro encontro, optei por nomear a professora como “mediadora”, considerando o papel que ela desempenharia no processo de desenvolvimento da Rádio Escolar.

Segundo encontro

Na semana seguinte, a professora-mediadora foi até a sala de aula, para convidar os alunos a participarem do projeto Rádio Escolar. A estudante participante do primeiro encontro não estava presente, enquanto os demais alunos da turma estavam se organizando para assistir a um filme trazido pela professora regente. Ao serem convidados, não demonstraram interesse em participar do projeto, preferindo assistir ao filme. Assim, o segundo encontro não aconteceu naquele dia, nem na próxima semana, pois a projeção do filme teria continuidade, segundo informado pela professora da turma. Na semana seguinte, não houve aula por motivo de feriado, e na outra compareci à escola, com esperança de que os encontros com alunos teriam continuidade. Ao chegar à biblioteca, a professora-mediadora mostrou-se ocupada, mexendo em uns livros, e disse-me “Vai lá convidar os alunos”? Eu assenti. Novamente, a aluna Jéssica, que participara do primeiro encontro, não estava presente. Falei sobre o projeto Rádio Escolar com o grupo de cerca de vinte alunos, quando não houve manifestações de interesse em participar. Restou-me aguardar até a próxima semana.

Na semana seguinte, ciente de que, como pesquisadora, precisaria fazer as articulações necessárias para que o desenvolvimento da pesquisa tivesse continuidade, voltei à mesma turma e reiterei o convite. Para minha alegria, três alunas chamadas Luana, Marina e Lúcia¹¹ quiseram participar, quando me acompanharam até a biblioteca da escola. Assim, tinha início o segundo encontro, adiado algumas vezes.

Para começar, apresentei a professora-mediadora às alunas, dizendo que ela estaria desenvolvendo o projeto Rádio Escolar. Após, contextualizei o projeto dentro da minha pesquisa do Mestrado, comentando que gravaria o áudio do encontro, mas suas identidades seriam preservadas na pesquisa. O planejamento do encontro previa a apresentação do programa Rádio Galera CK 01/2015 e a produção do programa 02/2016. No entanto, considerando que as alunas não haviam participado

¹¹ Nomes fictícios

do primeiro encontro, foi necessária a retomada dos slides apresentados anteriormente. Nesta etapa, as estudantes mostraram-se bem dinâmicas, fazendo perguntas à medida que viam os slides: “Legal, quando vamos começar?”, “Como vamos escolher as músicas?”, “Sobre o que vamos apresentar?”, “Quem vai falar?”... Na maioria das perguntas a professora-mediadora olhou-me sem responder, então eu contribuí nas respostas.

Na sequência, abri o arquivo para que as alunas ouvissem o programa Rádio Galera CK 01/2015, quando elas reagiram com expressões como “legal”, “maneiro”... Questionei-as sobre o nome da rádio, se gostariam de manter “Rádio Galera CK”, escolhido por um grupo de alunos em 2015, com o que concordaram.

Então, teve início a produção do primeiro programa de rádio. Inicialmente, a mediadora perguntou a elas o que gostariam de apresentar no programa, entregando-lhes folhas de ofício em branco e caneta. Eu coloquei o *notebook* à disposição, sendo que as estudantes quiseram usá-lo para redigir o roteiro do programa. Assim, a aluna Luana passou a digitar uma minuta, quando o grupo decidiu mencionar os nomes das apresentadoras no início do programa; apresentar notícias sobre o ENEM, a Festa de Halloween e a chegada do final do ano letivo; uma entrevista com a diretora, referente às melhorias na estrutura física do educandário; homenagem pelo dia do Professor (mensagem e música); dicas de leitura e recadinhos dos alunos da escola.

Durante a escolha da pauta do roteiro, a professora-mediadora deu algumas contribuições, como “...boa ideia, o ENEM já vai acontecer no mês que vem”, “A Festa de Halloween está sendo organizada pelas professoras de Inglês”, “O auditório ficou muito bonito”, “Vamos colocar uma música do tempo dos professores, não pode ser essas músicas que vocês estão acostumados a ouvir no rádio”, “Ah, para o dia dos professores, eu tenho uma mensagem aqui nas minhas coisas... leiam, o título é ‘Ser Professor’, eu xeroquei de um livro há tempo” (Anexo E), “... eu posso ajudar vocês com as dicas de leitura”, “Quando vocês pegariam os recados nas salas? Alguns professores não gostam que interrompam as aulas”.

Foi combinado com as alunas que escolheriam as músicas para inserir no programa e trariam a lista no próximo encontro. Neste momento, a mediadora interferiu “vocês não podem tocar *funk*... porque tem umas palavras que não servem pra escola”. As alunas não manifestaram discordância. Além disso, as estudantes sugeriram a gravação de uma entrevista com a diretora, para falar sobre as

melhorias realizadas na escola. A mediadora sugeriu que a entrevista fosse gravada no próximo encontro, com o que as alunas concordaram. Durante o encontro, aconteceram algumas interrupções, pois a mediadora precisava atender alunos que entravam na biblioteca, e nestes momentos, eu procurava não me manifestar. Porém, com a demora, eu sugeri que as estudantes continuassem a atividade “Gurias, já terminaram?” “Como está o roteiro?”, “O que vocês vão perguntar à diretora?”. Eu fazia esta mediação, entendendo que não poderia parar a produção do programa cada vez que a mediadora precisasse atender alguém. Na sequência, as alunas elaboraram as perguntas da entrevista com a diretora (Anexo D). Ainda, para que a comunicação entre as participantes do projeto fosse mais dinâmica, combinamos que eu criaria um grupo na rede social *Facebook*.



Figura 2 – Grupo “Rádio Galera CK - 2016” no *facebook*
Fonte: arquivo pessoal

Terceiro encontro

Neste encontro, compareceram duas alunas da etapa anterior, Luana e Daniela, e também a discente participante do primeiro encontro, Jéssica. O planejamento consistia em gravar a entrevista com a diretora, continuar a produção do roteiro do programa, iniciada no encontro anterior e começar a gravação das falas. As alunas preferiram gravar a entrevista com a diretora no início do encontro e dirigiram-se ao gabinete. Entretanto, como a gestora estava ocupada devido à realização de uma palestra para os alunos, as estudantes consideraram melhor realizar a entrevista em um outro dia, durante a manhã, turno no qual estudavam.

A seguir, conforme anotações feitas pela pesquisadora, o grupo começou a revisar o roteiro produzido na semana anterior, tendo deliberado por fazer algumas alterações. Neste momento, a mediadora precisou se ausentar para auxiliar a

direção no acompanhamento dos alunos à palestra, então eu continuei observando as estudantes e quando necessário, fazia a mediação. As alunas optaram por excluir as notícias sobre a Festa de Halloween e sobre a chegada do final do ano letivo, bem como as dicas de leitura e os recadinhos. A aluna Jéssica redigiu o roteiro (Anexo E), com a contribuição das colegas. Também decidiram quais e em que ordem as músicas seriam tocadas no programa. Propus-me a ajudá-las no *download* das músicas, com o que concordaram. Depois de pronto o roteiro, chegou o momento da gravação. No entanto, o microfone não funcionou, devido a um problema de configuração que não consegui resolver naquele momento. Assim, finalizei o terceiro encontro, com a perspectiva de gravação da locução na semana seguinte.

Importante mencionar que utilizei equipamentos próprios para o desenvolvimento do projeto, como o *notebook* e o microfone, de modo a garantir que tudo aconteceria conforme o planejamento.

Quarto encontro

Inicialmente, enquanto aguardava as alunas, conversei um pouco com a mediadora, a qual falou sobre as aulas na outra escola. Neste dia, o grupo de estudantes passou a contar com mais uma integrante, a Ana¹². Embora ela não tivesse participado das outras etapas, concordei com a sua participação, acreditando que ela poderia contribuir com o grupo.

Para este encontro, estava planejada a audição da entrevista, revisão do texto do roteiro e gravação das falas. A mediadora ausentou-se para atender a alunos que estavam na biblioteca, inclusive alguns que faziam um cartaz ao nosso lado.

Então, inicialmente, ouvimos a entrevista gravada com a diretora da escola na semana anterior, da qual participou também o assistente financeiro, já que o tema eram os investimentos em melhorias na estrutura da escola. Ficou acertado que o áudio seria enviado para mim por uma das alunas, em breve, via *Facebook*.

A próxima ação seria a gravação das falas. A mediadora ainda estava ocupada, mas considerando que o texto das falas estava concluído, assim como eu operaria com o programa *Audacity*, optei por continuar. O ambiente da biblioteca da escola não era silencioso o suficiente para as gravações, pois havia duas alunas

¹² Nome fictício.

fazendo um cartaz e a mediadora estava atendendo outros alunos. Assim, as estudantes participantes do projeto optaram por sair do local, enquanto não estivessem gravando, para não atrapalhar a aluna-locutora.

Dessa forma foram feitas as gravações, sendo que poucas precisaram ser repetidas, devido a toque do celular de uma das locutoras, entrada de alunos na biblioteca, falas das estudantes que estavam fazendo um cartaz ao lado e erros de locução. A duração deste encontro foi de 90 minutos, 30 minutos além do usual, para que fosse possível concluir as gravações. Depois de ouvi-las, conforme as anotações da pesquisadora, a mediadora falou, de onde estava, "...muito bem, meninas!", "... bem falado", "... ótima leitura".

No final do encontro, combinamos que eu editaria o vídeo e compartilharia com as alunas participantes do projeto, antes de socializar no grupo da escola no *Facebook*.

4.3.8 Editando e divulgando o programa da Rádio Galera CK

A edição do programa foi feita pela pesquisadora, considerando que a mediadora não estava familiarizada com o uso das tecnologias. Dessa forma, os áudios gravados pelas alunas foram editados usando o programa *Audacity*, sendo que num primeiro momento foram mantidas todas as falas (sem cortes), bem como um tempo maior de músicas. Assim, o programa 02 da Rádio Galera CK foi finalizado com 17min 51 s. Para viabilizar o acesso ao arquivo MP3 na rede social, já que eu pretendia divulgar o programa no grupo "Carlos Kluwe" no *Facebook*, foi preciso transformá-lo em um vídeo e posteriormente postá-lo no canal *You tube*, como forma de disponibilizar o link no *Facebook*, rede social que não aceita a postagem de arquivos MP3. No entanto, após a postagem no *You tube*, o vídeo não pode ser aberto, constando uma mensagem sobre bloqueio pelos direitos autorais dos cantores das músicas.

Em busca de uma solução para este frustrante problema, pensei que o bloqueio pudesse estar relacionado ao tamanho do arquivo, pois o programa gravado em 2015 tinha cerca de 5 minutos e não fora bloqueado. Assim, realizei

mais uma edição do programa, reduzindo-o a 9 min 41 s. Novamente, fiz um vídeo e postei-o no canal *You tube*¹³. Desta vez, felizmente, não houve bloqueio.

Assim, pude realizar a divulgação do programa no grupo da escola no *Facebook*, para conhecimento da comunidade escolar.



Figura 3 – Postagem do programa no Grupo “Carlos Kluwe” no *Facebook*.
Fonte: Arquivo pessoal

4.3.9 Organizando os dados

A realização dos três encontros de formação com a professora-colaboradora foram registrados também por meio de anotações feitas por mim em um arquivo no aplicativo *Google Drive*, do *Google Apps*. Além disso, fiz algumas gravações de áudio, bem como anotações durante os encontros.

Para registrar as etapas dos encontros de formação com a professora-colaboradora/mediadora, durante o desenvolvimento do projeto, fiz o preenchimento de uma tabela, contendo a data, as atividades realizadas e a assinatura da professora-colaboradora (Anexo G).

Ainda, foi solicitado que depois de cada encontro, a colaboradora respondesse por escrito a pergunta “De que maneira este encontro com a

¹³ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=CHKUOI77hj8&t=2s>> Acesso em 07 jan. 2017.

pesquisadora contribuiu para a sua formação como mediadora no projeto Rádio Escolar?”

Como a professora-colaboradora não deu retorno em relação à pergunta, após o terceiro encontro de formação foi solicitado que respondesse a uma nova pergunta “De que maneira os encontros com a pesquisadora contribuíram para a sua formação como mediadora no projeto Rádio Escolar?” (Anexo H). No último encontro, a professora preencheu o questionário e entregou à solicitante.

Além disso, para avaliar o processo de formação da professora-mediadora, foi aplicado um questionário com a colaboradora. (Anexo I).

A análise e interpretação dos dados, provenientes dos questionários, das anotações e das gravações em áudio, possibilitou uma reflexão sobre o passo a passo da formação e da participação da professora como mediadora na realização do projeto Rádio Escolar, assim como serviu de embasamento para a produção do tutorial, o produto pedagógico resultante desta pesquisa.

5 ANÁLISE DO DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

A análise do desenvolvimento da pesquisa teve como referência a busca de indícios para responder a questão orientadora “Como o letramento do professor contribui para sua atuação como mediador no processo de realização do projeto Rádio Escolar?”

Ao refletir sobre a contribuição do letramento do professor para atuar como mediador no processo de realização da Rádio Escolar, considero importante abordar o meu letramento para a mediação no projeto, durante nove anos em cinco escolas. Tal escolha se deve à constatação de que o meu letramento contribuiu para que eu, enquanto pesquisadora, realizasse a mediação para o letramento da professora-colaboradora, durante os encontros de formação.

Portanto, inicialmente vou analisar a contribuição da minha formação para a mediação no projeto Rádio Escolar.

Embora geralmente a formação inicial seja associada a um curso de graduação, eu considero como minha formação inicial o Ensino Médio, curso Normal, popularmente denominado Magistério, realizado em uma escola pública estadual. Nessa direção, Imbernón (2000) afirma que a formação inicial é o começo, a base para que o professor desenvolva e aperfeiçoe a sua prática docente.

Ao pensar nos três anos de estudos neste curso, constato que resultaram em muitas experiências, diante das inúmeras atividades didáticas práticas realizadas tanto como aluna quanto professora em formação. Essas atividades me tocaram, como aborda Larrosa (2001), configurando-se como experiências que contribuíram para a minha formação e a atuação profissional na docência. No curso Normal, tive o primeiro contato com projetos, denominados de “Centros de Interesse”, os quais precisavam integrar o planejamento das aulas. Acredito que essas experiências tenham contribuído para o meu letramento no desenvolvimento de projetos, presentes na minha atuação docente desde o início. Neste sentido, Reali e Reyes (2013) acreditam que uma boa formação contribui para a atuação competente do docente.

Quanto ao curso de graduação em Letras – Português/Inglês e respectivas Literaturas, constato que resultou em muitos conhecimentos teóricos transmitidos e avaliados. No entanto, como licencianda, lembro-me do estágio supervisionado na escola e de poucas atividades práticas em sala de aula, relacionadas diretamente

com a prática da profissão que eu seguiria, portanto, contribuíram para o letramento para a docência, mas não para o desenvolvimento de projetos, tampouco para o uso das tecnologias.

Isso pode ser justificado pelo fato de, na época em que realizei o curso de graduação, assim como nos primeiros anos de docência, tecnologias como o computador não eram comuns¹⁴, seja na universidade, seja na escola ou em casa.

A partir da conclusão do curso de graduação, a minha formação teve continuidade, em conformidade com o entendimento de Reali e Reyes (2013), as quais apresentam que a formação do professor não termina na formação inicial, mas continua a partir dela, em constante evolução, permeada por conhecimentos teóricos e práticos.

Analisando a minha trajetória como docente, reconheço que sempre busquei minha formação continuada, em geral por investimento e iniciativa pessoal, pois lia bastante e participava de eventos para me atualizar, enfim, não perdia oportunidades que pudessem melhorar a minha atuação profissional. Na mesma direção, Mizukami et al. (2010) entendem a formação de professores como um *continuum*, ou seja, um processo de desenvolvimento profissional do docente para a vida toda.

Assim, neste processo de formação continuada, as tecnologias foram gradativamente se tornando mais comuns e considerei que o planejamento das aulas precisava acompanhar as inovações. Desde o início da docência, realizei vários projetos, como forma de tornar as aulas mais dinâmicas, interessantes, desafiadoras para meus alunos e para mim também. Neste sentido, Kleiman e Moraes (1999) apresentam que o projeto é uma alternativa contra o conformismo, a mesmice, pois configura-se como uma forma de variar a metodologia docente.

Assim, a partir de 2007, quando realizei o projeto Rádio Escolar pela primeira vez, eu já tinha conhecimentos para o desenvolvimento de projetos. Dessa forma, desenvolvi o projeto, inicialmente repetindo ações que vinham sendo realizadas até então, pois a Rádio Escolar já existia na escola. No entanto, ao perceber indícios de ações que poderiam ser modificadas ou implementadas, eu busquei o meu autoletramento, conforme menciona Neto (2016), num processo que teve continuidade ao longo dos nove anos de realização do projeto.

¹⁴ Segundo Recuero (2014), somente nos anos 90 a população teve acesso aos computadores pessoais.

Dessa forma, constata-se que, se o professor não tiver um instrumento (tutorial ou outro) com orientações, nem a oportunidade de realizar uma formação continuada sobre o desenvolvimento do projeto Rádio Escolar, ele vai ter que buscar as informações, ou seja, o seu autoletramento, o que é corroborado por Consani (2007), ao defender a importância da formação do professor para a implantação e continuidade do projeto Rádio Escolar.

Nesta perspectiva de busca de formação, cito Magalhães (1994), a qual menciona como um dos três modelos de formação a auto(formação) do professor via letramento.

Ao refletir sobre quais foram o(s) letramento(s) necessários para que eu, enquanto docente, realizasse a mediação no projeto Rádio Escolar, constato que foram o midiático, conforme abordado por Lemke (2010), e também o letramento radiofônico, nos termos de Baltar (2012), pois de 2007 a 2010, os programas eram apresentados ao vivo, sendo que os recursos utilizados eram papel, caneta, microfone, celular, aparelho de som, caixas e mesas de som.

A partir de 2011, o computador passou a ser utilizado para a digitação dos programas de rádio (ferramenta de texto *Word*) e a audição das músicas (programa *Windows Media Player*). Como o uso do computador era uma escolha dos alunos, somente o utilizavam os letrados digitalmente, portanto o letramento digital da mediadora não era um pré-requisito para a mediação do professor. Segundo Frade (2002), o letramento digital contempla não só a apropriação de uma tecnologia, como também o exercício efetivo das práticas que acontecem no meio digital. Neste contexto, eu era letrada digitalmente, pois tinha um computador em casa, portanto apta a mediar o manuseio dessa tecnologia, se necessário.

Em 2013, ao saber da existência do *software Audacity*, informada por Baltar (2012), durante as leituras para a pesquisa do Mestrado, o letramento digital para o uso do programa tornou-se necessário para a mediação do projeto em 2014 e 2016. Novamente, em minha trajetória docente, eu busquei a (auto)formação ou contexto de letramento para qualificar a minha atuação, por meio do estudo do funcionamento do programa.

Ao analisar o desenvolvimento do projeto Rádio Escolar nesses nove anos, constata-se que o meu contexto de letramento para a mediação passou por mudanças, ou seja, o letramento que era necessário para a minha mediação no projeto Rádio Escolar enquanto professora não pode ser o mesmo desenvolvido nos

encontros de formação para o letramento da professora-mediadora. Isto demonstra que o processo de letramento para o desenvolvimento do projeto Rádio Escolar não se esgota, mas continua, diante da evolução das tecnologias e dos sujeitos envolvidos na sua realização.

Desta forma, constata-se que o letramento da pesquisadora contribuiu para a mediação e conseqüentemente para a continuidade da realização do projeto enquanto professora, bem como para a mediação no processo de letramento da professora-colaboradora durante os encontros de formação.

Dando continuidade à análise dessa pesquisa, faço algumas considerações referentes ao letramento da professora-colaboradora. O desenvolvimento da pesquisa apresentou indícios de que a professora-colaboradora não tinha interesse no manuseio das tecnologias na sua prática docente, tampouco a perspectiva de aprender, na iminência da aposentadoria, de modo que não foi efetiva a sua participação nas atividades para o letramento midiático e digital durante os encontros de formação.

Na busca da compreensão do contexto no qual a professora está inserida, considero pertinente analisar as possibilidades pelas quais a formação para o letramento midiático e digital da docente não aconteceu anteriormente em sua vida profissional.

Considerando um questionário respondido pela professora-colaboradora (Anexo F), constata-se que a docente concluiu a graduação no curso de Letras – Licenciatura. Em busca de indícios da influência da formação inicial da professora para o seu letramento, é importante considerar a análise dos documentos orientadores da organização dos cursos de formação inicial, conforme a seção “Formação de Professores” desta pesquisa. A partir da leitura, constata-se que os textos mencionam o uso dos meios de comunicação e das tecnologias, porém sem explicitar quais devem ser contemplados nos currículos da formação inicial. Ainda, a Resolução CNE/CP 02/2015 menciona o desenvolvimento, acompanhamento, avaliação e execução de projetos educacionais com o uso de tecnologias, o que pode ser considerado um avanço na legislação, mesmo que não explicita quais mídias os projetos devem contemplar, como o rádio.

No entanto, considerando que o curso da formação inicial da professora aconteceu antes da publicação da referida resolução, esse avanço no documento orientador não teve influência na sua formação inicial.

Compreendendo que a formação do professor é um *continuum*, como bem explica Mizukami et al. (2010), e constitui-se num processo de desenvolvimento profissional, é relevante analisar algumas pistas sobre como se configurou a formação continuada da professora-colaboradora.

A análise de documentos orientadores da formação continuada, descrita na seção citada anteriormente, apresenta que é comum no texto o uso de termos como *mídias* (utilização e produção) e *tecnologias de informação e comunicação*, mas sem menção clara ao desenvolvimento de projetos como a rádio, o que não garante a inclusão destes nos programas de formação continuada.

Ao pensar sobre o contexto de formação continuada atual nas escolas públicas estaduais¹⁵, constata-se que são raras as oportunidades para os professores pensarem e qualificarem a sua atuação. Na Escola Carlos Kluwe, aconteceram poucas reuniões em 2016, das quais a maioria limitou-se a questões administrativas, conforme mencionado por Mizukami et al. (2010). Ainda, em julho a escola realizou um evento de três dias como atividade de formação, sem continuidade no decorrer do ano, o que o descaracteriza como formação continuada. Dessa forma, conforme McDiarmid (1995), nota-se que a escola não propiciou tempo e espaço mental para o desenvolvimento profissional dos docentes.

A escola onde a pesquisa foi realizada possui um laboratório de informática, bem como disponibiliza computadores na sala dos professores e biblioteca, no entanto, conforme mencionado por Coscarelli e Ribeiro (2007), as máquinas precisam de pessoas para operá-las, o que requer a formação dos docentes.

No contexto da formação de professores, constata-se que, além da ausência de políticas de formação continuada, a política de desvalorização da educação pública estadual é desfavorável a investimentos pessoais na formação profissional, diante dos baixos e parcelados salários; falta de valorização dos docentes pela comunidade/sociedade; falta de um plano de carreira que valorize as atividades de formação continuada realizadas pelo professor; obstáculos à liberação de docentes para participarem de eventos de formação continuada etc.

Assim, há indícios suficientes de que a formação inicial e continuada da professora-colaboradora não contribuíram para o seu letramento. Nesse sentido, o

¹⁵ Em 2016, a Secretaria da Educação do RS (SEDUC) e a 13ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE) não promoveram ações de formação continuada dos professores.

planejamento dos encontros de formação previram a realização de atividades que contribuíssem para o letramento midiático radiofônico e digital da professora, considerando que o projeto Rádio Escolar requer a utilização de tecnologias, principalmente o computador e celular, seja para a produção do programa, seja para a sua edição e divulgação.

Entretanto, durante o desenvolvimento dos encontros de formação, observou-se que, embora a docente tenha aceito o convite para participar como colaboradora na pesquisa, não estava motivada a realizar ações para o seu letramento midiático digital, pois leciona há 30 anos sem utilizar as tecnologias e não manifestou interesse em aprender, visto que se aposentaria em breve.

Após analisar o letramento da pesquisadora e o da professora-colaboradora, é importante refletir sobre as implicações do letramento de ambas no processo de mediação.

Ao planejar o desenvolvimento desta pesquisa, a figura do mediador era representada pelo(a) professor(a) que seria colaborador(a) no processo de desenvolvimento do projeto Rádio Escolar.

No entanto, ao entender a mediação não como uma ponte, mas como o próprio processo, a própria relação, à luz de Molon (1995), visualizo quatro elementos mediadores no processo de desenvolvimento da Rádio Escolar. O primeiro é a professora que por nove anos de sua prática docente realizou a mediação do projeto Rádio Escolar; o segundo é a pesquisadora como mediadora no processo de formação da professora-colaboradora; o terceiro elemento é a professora-colaboradora atuando na mediação da realização do projeto durante os encontros com as alunas; e o quarto é a pesquisadora que assumiu a mediação junto ao grupo de estudantes quando a colaboradora esteve ausente.

Então, como se configurou a mediação da pesquisadora no processo de letramento da professora-colaboradora durante os encontros de formação?

O primeiro aspecto a analisar é a motivação da pesquisadora, considerando que estava desenvolvendo uma pesquisa referente a um projeto que deu certo, um ícone na sua trajetória docente por nove anos. O segundo aspecto é o letramento da pesquisadora/mediadora, a qual, por iniciativa própria construiu um conhecimento prático sobre o desenvolvimento do projeto. Então, a pesquisadora, motivada e tendo como referência o letramento adquirido ao longo do tempo no projeto,

planejou atividades que pudessem contribuir para o letramento da professora-colaboradora.

A partir disso, como aconteceu a mediação pela professora-colaboradora durante os encontros para a realização do projeto Rádio Escolar, com a participação das alunas?

Conforme descrito na seção “Metodologia da Pesquisa”, observa-se que a mediação da professora-colaboradora foi efetiva durante atividades que não requeriam o seu letramento midiático e digital. No entanto, a mediação não aconteceu em relação ao uso das tecnologias (computador, celular, microfone).

Assim, nos momentos em que a mediação da professora requeria o uso das tecnologias, a docente esteve ausente. Nestas situações, a pesquisadora precisou assumir a mediação, por entender que não podia deixar as alunas sem acompanhamento, já que elas estavam participando do projeto durante o horário de aulas, sendo importante que se mantivessem motivadas para a continuidade do projeto.

Nessas ocasiões, a mediação da pesquisadora aconteceu naturalmente, considerando a sua motivação e o letramento que tinha para o processo de mediação.

Ao refletir sobre a não participação da professora-colaboradora no processo de mediação quando as atividades requeriam o letramento midiático e digital, observam-se alguns indícios desta ação.

Em primeiro lugar, a professora-colaboradora não estava suficientemente motivada para participar do projeto, pois foi indicada pela diretora por ter mais disponibilidade de tempo, já que atuava na biblioteca. Ao usar o termo “suficientemente”, é importante esclarecer que, ao longo dos encontros de formação, surgiram algumas dificuldades que contribuíram para desmotivá-la, e se a motivação, o desejo de realizar o projeto fosse maior, não teriam repercutido tanto no desenvolvimento das ações.

Outro indício é a formação da professora, a qual não teve ou não aproveitou as oportunidades para o seu letramento midiático e digital. Conseqüentemente, diante do estranhamento que as tecnologias causavam, não contribuiu para o próprio letramento midiático digital, evitando-o. Então, antes da participação na pesquisa, a professora já não tinha interesse em manusear as tecnologias, de modo

que a sua postura diante das atividades de letramento midiático e digital somente resgataram essa desmotivação.

Assim, o desenvolvimento da pesquisa, a partir do segundo encontro de formação com a professora-colaboradora tornou-se muito frágil, diante da desmotivação da docente em virtude de dificuldades na vida profissional, bem como para o uso das tecnologias. Neste contexto, a pesquisadora precisou realizar uma mediação diferente da planejada inicialmente, pois além de colocar em prática as atividades planejadas para o letramento da colaboradora, precisava agir de modo que a colaboradora continuasse participando, procurando compreendê-la e tentando mantê-la junto no desenvolvimento da pesquisa. Além disso, houve também as dificuldades para constituição do grupo de participantes, o que demandou cinco semanas de tentativas da pesquisadora para que fosse constituído. Também, é preciso acrescentar o tempo da greve dos professores estaduais e das férias escolares de inverno, sendo que o planejamento inicial de desenvolvimento da pesquisa, de maio a junho de 2016, estendeu-se até o mês de outubro.

Assim, o tempo também passou a ser um elemento dificultador no desenvolvimento da pesquisa, pois eu precisava concluí-la até o final do ano, mas como os encontros do projeto aconteciam concomitantemente com meu horário de trabalho, não podiam ter uma duração maior para compensar o tempo perdido, e ainda precisei cancelar um encontro devido às demandas do trabalho.

Dessa forma, a pesquisa foi desenvolvida num esforço contínuo para “não deixar a peteca cair”, pois a principal interessada para que o trabalho fosse desenvolvido era eu, diante da possibilidade de desistência da professora-colaboradora e da falta de alunos para participar do projeto.

No início do desenvolvimento dessa pesquisa, eu pensava que realizaria os encontros de formação com um professor (ou mais de um) motivado(s), os quais tinham escolhido participar do projeto. No entanto, a diretora da escola, diante da carga horária esgotada dos professores, indicou a professora-colaboradora desta pesquisa para a participação. Diante disto, minha expectativa era que a professora se empolgasse com a ideia do projeto, participasse efetivamente dos encontros de formação, bem como demonstrasse empenho na mediação, e conseqüentemente desse continuidade ao projeto após a conclusão da minha pesquisa, o que não se confirmou. Também, considerando que sempre sobraram alunos para participar do projeto durante os sete anos em que o desenvolvi como mediadora, quando era

preciso uma escala dos alunos para organizar sua participação, pensei que seria mais fácil constituir um grupo de participantes, o que também não se confirmou.

Essas foram as frustrações que encontrei no decorrer do desenvolvimento da pesquisa, das quais só foi possível contornar as dificuldades para constituição do grupo de alunas.

Mas apesar das dificuldades, a experiência vivenciada no processo de letramento da professora-colaboradora para a mediação no projeto Rádio Escolar permitiu-me repensar a elaboração do tutorial.

Neste sentido, analiso quais conteúdos desenvolvidos durante os encontros de formação, no processo de letramento da professora-colaboradora, são pertinentes para inclusão no tutorial, pois à medida que os encontros aconteciam, foi possível perceber quais temas deveriam ser mantidos, alterados ou excluídos no processo de elaboração, de modo a qualificar o projeto e possibilitar que outros professores se tornem protagonistas no desenvolvimento da Rádio Escolar.

Durante os encontros de formação, foram apresentados slides referentes ao projeto de pesquisa do Mestrado Profissional em Ensino de Línguas (Anexo A), bem como o projeto Rádio Escolar na Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Kluwe (Anexo B). Em relação ao projeto de pesquisa, a fundamentação teórica deve constar no tutorial, como um pilar de sustentação da prática, ou seja, da implantação do projeto. Quanto ao projeto Rádio Escolar na escola, foi apresentado com a finalidade de contextualizar o projeto do qual a professora seria colaboradora, portanto sua inclusão no tutorial não é relevante. No entanto, o tutorial pode sugerir a redação de um projeto para apresentação à equipe diretiva da escola, apresentando uma proposta de estrutura.

O conteúdo dos encontros também contemplou a apresentação de slides referentes à rádio no Brasil, Rádio Escolar, linguagem radiofônica, estrutura de roteiro do programa, exemplos de textos de falas, dicas para falar bem e orientações para a redação de notícia radiofônica. No entanto, há outro gênero textual comum nos programas de rádio: a entrevista, a qual não fora abordada nos slides, por isso é importante que seja incluída no tutorial. Ainda, para melhor contextualização do projeto, é relevante inserir também informações sobre a primeira experiência de Rádio Escolar no mundo e no Brasil.

Sobre o programa gravado em 2015, é pertinente que o link do *You Tube* conste no tutorial, para que o professor interessado no desenvolvimento do projeto

tenha conhecimento de um programa de Rádio Escolar, finalizado, como o resultado da produção dos alunos com a mediação do docente. Também foi apresentado nos encontros o *software Audacity*, de forma objetiva, uma vez que a docente já havia manifestado não ter interesse na aprendizagem do uso das tecnologias. Tal situação levou-me a perceber que o produto pedagógico, ou seja, o tutorial, precisaria atender a este perfil de professor, comum nas escolas públicas, o qual não está familiarizado com as tecnologias e opta por ignorá-las diante da falta de formação. Portanto, para estimular esses docentes, o tutorial precisa apresentar um detalhamento maior quanto ao uso do *Audacity*, diante da sua importância no processo de produção e apresentação do programa da rádio.

Além do *Audacity*, constatou-se a necessidade de contemplar outro programa no tutorial: o processador de texto *Word*¹⁶, ferramenta importante para a redação do roteiro da rádio, assim como para a organização de pesquisas de temas a serem incluídas na pauta. Mesmo que a redação de textos durante o desenvolvimento do projeto seja tarefa atribuída aos alunos, é importante que o professor conheça o funcionamento do programa, como forma de compartilhar conhecimento, auxiliar e orientar os alunos.

Durante os encontros de formação, também aconteceu o planejamento dos encontros entre professora-mediadora e alunos, tratando dos critérios de seleção dos alunos para participação e dos materiais que seriam utilizados para a apresentação do projeto. É importante que estas ações constem no tutorial, acrescentando sugestões com base na experiência da pesquisadora na Rádio Escolar, quanto ao público-alvo (alunos da professora-mediadora, com encontros no mesmo turno de aulas ou no turno oposto; discentes não alunos da mediadora com encontros no turno oposto ao das aulas). Além disso, é relevante que o tutorial contemple as possibilidades de espaço para a apresentação do programa, se transmitido em cada sala por meio de caixas de som; ou aos alunos reunidos, através de uma única caixa; se os programas serão transmitidos no horário das aulas ou durante o intervalo; ou postados na rede social etc.

¹⁶ O processador de texto *Word*, criado por Richard Brodie, é um dos aplicativos da *Microsoft Office* que conta também com os processadores *Excel*, *Power Point* e outros, os quais facilitam o dia-a-dia das pessoas em suas tarefas. Informações disponíveis em <https://www.portaleducacao.com.br/informatica/artigos/48307/o-programa-word>.

Em relação aos materiais a serem apresentados para a formação dos alunos, ficou combinado que seriam os mesmos apresentados à professora-colaboradora, referentes a rádio no Brasil, Rádio Escolar, linguagem radiofônica, estrutura de roteiro do programa, exemplos de textos de falas, dicas para falar bem e orientações para a redação de notícia radiofônica (Anexo C). Desta forma, no tutorial é pertinente constar uma síntese do conteúdo dos slides, como subsídio ao letramento do professor, bem como para compartilhamento do docente com os alunos participantes do projeto.

Na busca de pistas que possam contribuir para responder a questão de pesquisa, a professora-colaboradora foi convidada a responder a questão “De que maneira os encontros com a pesquisadora contribuíram para a sua formação como mediadora no projeto Rádio Escolar” (Anexo G), cuja resposta é transcrita a seguir:

Devido a importância que devemos dar aos projetos de incentivo a novas aprendizagens que alavancam o progresso cultural, social e humanizador dos jovens estudantes. E sendo a Rádio um dos mais importantes veículos de comunicação em massa. O mesmo fará com que os alunos compartilhem de “línguas semelhantes”, onde os mesmos possam agir como atores capazes, ativos, responsáveis e decidindo sobre tudo, o que querem comunicar, seja, os formatos dos quadros, o tipo de música, de notícia, de mensagem, de assuntos diversificados. Acredito que a rádio escolar seja um grande projeto de letramento e um excelente recurso de divulgação de novas ideias e reflexões (sic).

Ao analisar a resposta, constata-se que a professora reconhece a importância do projeto Rádio Escolar como um “grande projeto de letramento”, para incentivar novas aprendizagens e oportunizar o protagonismo dos alunos. No entanto, não respondeu de forma objetiva à questão referente à contribuição dos encontros de formação para a sua formação como mediadora no projeto. Ainda, é importante mencionar que a docente não participou efetivamente das ações de letramento para o manuseio das tecnologias, o que contribuiria para o processo de mediação e desenvolvimento do projeto Rádio Escolar em sua totalidade, desde o planejamento até a finalização do programa.

Também, foi solicitado que a professora-colaboradora preenchesse um questionário de avaliação do processo de formação/atuação da mediadora (Anexo I). No item (1) *Encontros de Formação*, a docente respondeu que considerou o tempo dos encontros suficiente e o conteúdo atendeu as suas expectativas. Em relação ao item (2) *Produção e apresentação dos programas*, a professora indicou como positiva a participação e o interesse das alunas em atender ao projeto; e como

aspecto a ser melhorado, a necessidade de mais tempo para a produção do programa e que o projeto seja estendido a mais alunos.

Analisando essas respostas, constata-se que, embora o letramento digital da professora não tenha acontecido conforme o planejado, a docente considera que o tempo dos encontros fora suficiente e que o conteúdo atendera as suas expectativas. Sobre a produção e apresentação dos programas, ela considerou positiva a participação e o interesse das alunas no projeto, sem referir-se ao processo de produção e apresentação de forma direta (redação do roteiro, seleção musical, gravação das falas etc.). Em relação ao que pode ser melhorado, a docente aponta a necessidade de mais tempo para a produção e que o projeto seja estendido a mais alunos. O objetivo dessa pergunta era indicar o que poderia ser melhorado na produção e apresentação dos programas, sendo que o aumento da abrangência do projeto é uma etapa posterior a atual, portanto não se aplica ao processo que é objeto do questionamento.

A partir da análise da pesquisa desenvolvida, busco responder a questão de pesquisa “Como o letramento do professor contribui para a sua atuação como mediador no processo de realização do projeto Rádio Escolar?”

Assim, tendo como referência os indícios apresentados nesta análise, observa-se que as atividades das quais a professora-colaboradora participou nos encontros de formação instrumentalizaram-na para o processo de mediação, pois a docente contribuiu em situações que não requeriam o manuseio das tecnologias.

Por outro lado, o processo de mediação da professora-colaboradora na realização do projeto não aconteceu durante as atividades com uso de tecnologias, considerando que a docente não participou das atividades planejadas para o seu letramento midiático e digital durante os encontros de formação. Tal constatação confirma a importância do letramento para a mediação na realização do projeto Rádio Escolar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do projeto Rádio Escolar por sete anos da minha prática docente caracterizou-se como uma experiência rica e significativa. Assim, pelas marcas que o projeto Rádio Escolar deixou na minha história como professora, foi escolhido como o tema do projeto de pesquisa do Mestrado Profissional em Ensino de Línguas.

Importante mencionar que, antes de ingressar no Mestrado Profissional em Ensino de Línguas, eu desenvolvia o projeto, num constante tentar, reinventar e refazer, mas sem a pesquisa. Com o Mestrado, pude compreender melhor a minha prática, substanciá-la com os referenciais teóricos e, mais importante ainda, através desta pesquisa, elaborar um produto pedagógico que possa contribuir para que outros professores desenvolvam o projeto Rádio Escolar em suas escolas.

Inicialmente, planejei desenvolver a pesquisa sobre o professor enquanto mediador no desenvolvimento do projeto Rádio Escolar como uma prática de letramento interdisciplinar, isto é, uma prática de letramento dos alunos.

Porém, a partir da qualificação do projeto de pesquisa, surgiu um outro viés: o letramento do professor para a mediação na realização do projeto. Isto porque constatei que a formação dos professores (inicial e continuada) não tem sido suficiente para o desenvolvimento de projetos como a Rádio Escolar.

Além disso, é preciso considerar que a política de desvalorização da educação pública estadual não motiva os professores a fazer investimentos pessoais na formação profissional, diante dos baixos e parcelados salários; carga horária excessiva de trabalho; falta de valorização dos docentes pela comunidade/sociedade; falta de um plano de carreira que valorize as atividades de formação continuada realizadas pelo professor; carência de apoio pedagógico; insuficientes recursos financeiros disponibilizados pelo governo para investimentos na estrutura da escola; dificuldades para liberação para realizar a formação fora da escola durante o horário de trabalho; bem como poucas oportunidades de formação para os profissionais da educação no espaço escolar.

Diante disso, poucos professores sentem-se motivados a pesquisar e a buscar informações para o desenvolvimento de um projeto desconhecido.

Assim, a presente pesquisa visa contribuir com a formação dos professores, ou seja, a partir da elaboração e divulgação do tutorial como produto pedagógico, almeja-se a multiplicação da minha experiência como mediadora no projeto Rádio Escolar, de modo que mais escolas e professores o desenvolvam.

Desta forma, a pesquisa buscou responder a questão “Como o letramento do professor contribui para a sua atuação como mediador no processo de realização do projeto Rádio Escolar?”

Neste caminho, constatou-se uma multiplicidade de sujeitos, pois se inicialmente eu pensara em analisar o letramento da professora-colaboradora para a mediação do projeto junto aos alunos, passei a pensar no meu letramento, como pesquisadora, para a mediação no processo de letramento da professora-colaboradora. E além disso, também a mediação da pesquisadora na realização do projeto com os alunos, nos momentos em que a professora-mediadora esteve ausente.

Para analisar a contribuição do letramento da pesquisadora para a mediação no processo de letramento da professora-colaboradora, foram planejados e realizados três encontros de formação, a partir dos quais foi possível constatar que o letramento da pesquisadora contribuiu para a mediação no processo de letramento da professora-colaboradora. No entanto, a mediação da pesquisadora não foi possível nas atividades planejadas para o letramento midiático e digital da professora-colaboradora, uma vez que a docente não demonstrou interesse em realizá-las.

Na etapa seguinte à formação, foram realizados quatro encontros com as alunas, para analisar a contribuição do letramento da professora-colaboradora para sua atuação como mediadora no processo de produção do programa da Rádio Escolar. Assim, constatou-se que a professora-colaboradora não realizou a mediação nas atividades que requeriam o seu letramento midiático e digital, uma vez que não havia participado das atividades de formação planejadas para esses letramentos. Neste sentido, a pesquisadora, nos momentos em que a colaboradora ausentou-se, realizou a mediação com naturalidade, pois possuía o letramento midiático e digital requerido para o processo.

A partir das pistas advindas da análise dos sete encontros de desenvolvimento da pesquisa, concluí que o letramento não só contribui, mas também é indispensável para que o projeto Rádio Escolar aconteça. Tal afirmação é

comprovada pela não participação da professora-colaboradora em ações para seu letramento midiático e digital, e posteriormente, a ausência de mediação nas atividades que requeriam esses letramentos.

Desta forma, constatei que a não participação da professora nas atividades para o seu letramento midiático e digital é parte de um contexto desfavorável à formação de professores, seja pela falta de ações das equipes gestoras nas escolas, nas Coordenadorias Regionais de Educação e na Secretaria de Educação, seja pela desmotivação dos professores diante da desvalorização profissional e social.

Também, a partir da minha vivência na realização do projeto Rádio Escolar, considero importante que ele se configure como um projeto da escola, integrante do Projeto Político-Pedagógico, de modo que a sua realização não esteja atrelada necessariamente à iniciativa pontual de um determinado professor.

Ainda, os indícios resultantes da análise do desenvolvimento da pesquisa orientaram-me para a elaboração de um tutorial que atendesse ao perfil de professor não familiarizado com o uso das tecnologias, isto é, o produto pedagógico foi organizado sistematicamente para contribuir com o letramento midiático e digital do professor, na forma de um guia com o detalhamento das ações necessárias para a mediação do docente no processo de implementação e desenvolvimento do projeto Rádio Escolar.

7 PRODUTO PEDAGÓGICO

O desenvolvimento da pesquisa forneceu indícios e pistas cuja análise e interpretação serviram de referência para a elaboração do produto pedagógico, o tutorial, o qual deve orientar os professores na implantação e mediação no processo de desenvolvimento do projeto Rádio Escolar.

O tutorial caracteriza-se como um material de apoio, organizado em forma de passo-a-passo, contendo os principais referenciais teóricos que embasaram a pesquisa e orientações para o desenvolvimento do projeto, ilustradas por *printscreens* das telas, de modo a contribuir para o letramento midiático e digital dos leitores.

Desta forma, apresento o tutorial (Anexo J), como produto pedagógico desta pesquisa, a ser compartilhado com grupos de professores por meio de vídeos no *You Tube*, redes sociais e outros meios de acesso docente.

REFERÊNCIAS

APARÍCIO, A. S. M. As ações didático-discursivas do professor para a construção e manutenção dos tópicos em aula de gramática. In: KLEIMAN, A. B. (org.). **A formação do professor: perspectivas da Linguística Aplicada**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. p. 181-200.

ASSUMPÇÃO, Z. A. de. **A rádio no espaço escolar: para falar e escrever melhor**. São Paulo: Annablume, 2008.

BALTAR, M. **Rádio escolar: letramentos e gêneros textuais**. Caxias do Sul: Educus, 2009.

_____. **Rádio escolar: uma experiência de letramento midiático**. São Paulo: Cortez, 2012.

Banco de Teses da CAPES. Disponível em <<http://bancodeteses.capes.gov.br/>> Acesso em 27 set. 2015.

BRASIL. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 28 dez. 2016.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília, 1998. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2017.

_____. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio: Língua Portuguesa**. Brasília, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/14_24.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2017.

_____. **Resolução CNE/CP nº 1, de 18 de fevereiro de 2002**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/res1_2.pdf>. Acesso em: 16 out. 2015.

_____. **Resolução CNE/CEB 04, de 13 de julho de 2010.** Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=5916-rceb004-10&category_slug=julho-2010-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 16 out. 2015.

_____. **Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010.** Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf>. Acesso em: 16 out. 2015.

_____. **Resolução CNE/CEB nº 2, de 30 de janeiro de 2012.** Define Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9864-rceb002-12&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 16 out. 2015.

_____. **Resolução CNE/CES nº 2 de 01 de julho de 2015.** Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=17719-res-cne-cp-002-03072015&category_slug=julho-2015-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 04 jan. 2017.

COELHO, C.M. **Raízes do paradigma indiciário.** NEI - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias. UFES, Vitória, 2009.

CONSANI, M. **Como usar o rádio na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2007.

COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.) **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas.** 2 ed. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2007.

DICIONÁRIO MICHAELIS. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=projeto>> Acesso em: 15 nov. 2015

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O; AQUINO, Z. G. O. **Oralidade e escrita**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FERREIRA, N. S. A. **Pesquisa em leitura**: Um estudo dos resumos de dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas no Brasil, de 1980 a 1995. Tese de doutorado, Faculdade de Educação da UNICAMP. Campinas, 1999.

FRADE, C. A. da S. Alfabetização digital: problematização do conceito e possíveis relações com a pedagogia e com aprendizagem inicial do sistema de escrita. In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.) **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 2 ed. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GARCIA, C. B.; SILVA, F. D. S; FELÍCIO, R. de P. Projet(o)arte: uma proposta didática. In: ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. (orgs.) São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 123-146.

GERALDI, J. W. **A produção dos diferentes letramentos / Production of Different Literacies**. Revista Bakhtiniana, São Paulo, 9 (2): 28-39, July/Dec. 2014.

GIOVANI, F. **O texto na apropriação da escrita**. 2006. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Metodologia de Ensino, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006.

_____. et al. A rádio escolar como veículo de vozes sociais: os desafios e possibilidades da implantação de um projeto. In: **Articulações universidade-escola**: A construção de sentidos na/para ação docente. Itajaí: Casa Aberta, 2014. p. 337-354.

KLEIMAN, A. B.(Org.) **Os significados do letramento**: Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

_____; MORAES, S. E. **Leitura e interdisciplinaridade**: tecendo redes nos projetos da escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

_____; MATENCIO, M. de L. M. (orgs.). **Letramento e formação do professor: Práticas discursivas, representações e construção do saber.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Tradução: João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr 2002.

LEMKE, J. L. **Letramento metamidiático:** Transformando significados e mídias. Tradução de Clara Dornelles. *Trab. Linguist. Apl.* [online]. V. 49, N. 2, P. 455-479, Jul./Dez. 2010. ISSN 0103-1813. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132010000200009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 13 mar. 2012.

MAGALHÃES, L. M. Modelos de educação continuada: os diferentes sentidos da formação reflexiva do professor. In: KLEIMAN, A. B. (org.). **A formação do professor: perspectivas da Linguística Aplicada.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. p. 239-260.

MEDEIROS, J. B. **Redação Científica:** Prática de Fichamentos, Resumos, Resenhas. 9ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MEIER, M.; GARCIA, S. **Mediação da aprendizagem:** contribuições de Feuerstein e de Vygotsky. Curitiba: Edição do autor, 2007.

MELO, E. de S. O.; OLIVEIRA, P. W. M. de; VALEZI, S. C. L. Gêneros poéticos em interface com gêneros multimodais. In: ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola.** (orgs.) São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 147-164.

MIZUKAMI, M. da G. N. et al. **Escola e aprendizagem da docência:** processos de investigação e formação. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

MOLON, S. I. A questão da subjetividade e da comunicação do sujeito nas reflexões de Vygotsky. In: MEIER, M; GARCIA, S. **Mediação da aprendizagem:** contribuições de Feuerstein e de Vygotsky. Curitiba: Edição do autor, 2007. p. 57-8.

NETO, Z. O letramento docente como instrumento de formação identitária. In: **Portal de Educação Tecnológica e Artística: Formação Continuada – Desenho de**

Currículo. 2016. Disponível em file:///E:/Mestrado%20-%20Ensino%20de%20L%C3%ADnguas/Disserta%C3%A7%C3%A3o/Artigos_teses_livros/Lidos/O%20letramento%20docente%20como%20instrumento%20de%20transforma%C3%A7%C3%A3o%20identit%C3%A1ria.html. Acesso em: 17 nov. 2016.

OLIVEIRA, C. R. de. **Rádio na educação escolar:** escuta, silêncio e imaginação. 2012. 87 f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado). Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2012.

OLIVEIRA, E. M. T. A construção da identidade profissional do professor e sua produção diarista. In: KLEIMAN, A. B.; MATENCIO, M. de L. M. (orgs.). **Letramento e formação do professor:** Práticas discursivas, representações e construção do saber. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005. p. 165-179.

PEREIRA, J. T. Educação e Sociedade da Informação. In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.) **Letramento digital:** aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 2 ed. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2007.

PINTO, A. L. G.; GOMES, G. G.; SILVA, L. C. B. da. Percursos de letramento dos professores: narrativas em foco. In: KLEIMAN, A. B.; MATENCIO, M. de L. M. (orgs.). **Letramento e formação do professor:** Práticas discursivas, representações e construção do saber. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005. p. 65-92.

POLITO, R. **Superdicas para falar bem.** São Paulo: Saraiva, 2006.

REALI, A. M. M. R. ; REYES, C. R. **Reflexões sobre o fazer docente.** 1. ed. São Carlos: Edufscar, 2013. v.3.

RIBEIRO, O. J. Educação e novas tecnologias: um olhar para além da técnica. In: In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs.) **Letramento digital:** aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. 2 ed. Belo Horizonte: Ceale, Autêntica, 2007.

RIBEIRO, V. M. Uma perspectiva para o estudo do letramento: lições de um projeto em curso. In: KLEIMAN, A. B.; MATENCIO, M. de L. M. (orgs.). **Letramento e formação do professor:** Práticas discursivas, representações e construção do saber. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005. p. 17-40.

ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola.** (orgs.) São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SIGNORINI, I. O relato autobiográfico na interação formador/formando. In: KLEIMAN, A. B.; MATENCIO, M. de L. M. (orgs.). **Letramento e formação do professor:** Práticas discursivas, representações e construção do saber. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005. p. 93-126.

SILVA, S. B. B. da. Os Parâmetros Curriculares Nacionais e a formação do professor: quais as contribuições possíveis? In: KLEIMAN, A. B. (org.). **A formação do professor:** perspectivas da Linguística Aplicada. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001. p. 95-114.

UNIPAMPA. **Manual de Normalização de Trabalhos Acadêmicos:** conforme normas da ABNT. ARAÚJO, C. R. L. de; MARQUES, D. C. (Org.) 3.ed. rev. e ampl. Bagé: Universidade Federal do Pampa, 2013. Disponível em: <<http://porteiros.r.unipampa.edu.br/portais/sisbi/files/2013/06/Manual-de-Normaliza%C3%A7%C3%A3o-3.-ed.-20131.pdf>> Acesso em: 08 mar. 2015.

VIEIRA, E. A. P.; SILVA, F. D. S.; ALENCAR, M. C. M. A canção *roda-viva*. In: ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola.** (orgs.) São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 181-198.

VOVIO, C. L.; SOUZA, A. L. S. Desafios metodológicos em pesquisas sobre letramento. In: KLEIMAN, A. B.; MATENCIO, M. de L. M. (orgs.). **Letramento e formação do professor:** Práticas discursivas, representações e construção do saber. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005. p. 41-64.

ANEXO

A




**O PROFESSOR COMO
MEDIADOR NO
DESENVOLVIMENTO DA
RÁDIO ESCOLAR ENQUANTO
PRÁTICA DE LETRAMENTO**

Rita de Cássia Angelacci de Siqueira
Orientadora: Profa. Dr.ª Fabiana Giovanni

TEMA DA PESQUISA

- A importância do professor como um mediador na realização do projeto da rádio escolar, enquanto uma prática de letramento docente.

QUESTÃO DE PESQUISA

➤ Como o professor, no papel de mediador, contribui para a realização da rádio escolar enquanto uma prática de letramento interdisciplinar?

OBJETIVOS

Objetivo Geral

➤ Contribuir para a formação continuada de professores para atuarem como mediadores na realização do projeto da rádio escolar enquanto uma prática de letramento, através da elaboração de um tutorial.

Objetivos Específicos

- Avaliar a contribuição do professor para a realização da rádio escolar;
- Apontar, a partir da reflexão sobre o processo de realização, a importância do projeto para a comunicação, desinibição, escrita e leitura na escola;

Objetivos Específicos

- Mediar o professor no manuseio do programa *Audacity*, como uma ferramenta para a gravação do programa da Rádio Escolar.

JUSTIFICATIVA

Este trabalho justifica-se pela necessidade de contribuir na formação continuada de professores para que atuem como mediadores na realização da Rádio Escolar.

PRODUTO PEDAGÓGICO

Tutorial que oriente os professores na realização do projeto da rádio escolar, evidenciando a sua atuação como mediador no projeto.

METODOLOGIA

- Contato com a Equipe Diretiva da Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Carlos Kluwe, antes do início das aulas - fevereiro de 2016;
- Período de execução do projeto - maio a julho de 2016;

METODOLOGIA

- Apresentação da proposta de formação de professores mediadores para a realização do projeto da Rádio Escolar - reunião de professores;
- Constituição de um grupo de 3 a 6 professores – combinações sobre horários para reuniões quinzenais;

METODOLOGIA

- Perfil do grupo de formação de mediadores – aplicação de questionário (carga horária semanal de trabalho docente; número de escolas em que atua; disciplinas que leciona; formação inicial; pós-graduação; tempo de exercício docente; experiência na realização de projetos; experiência na realização da rádio escolar; e por que atendeu ao convite).

METODOLOGIA

- Etapas dos encontros de formação de mediadores: (1) Apresentação do projeto da Rádio Escolar; (2) Organização dos alunos para produção e apresentação do programa; (3) revisão das etapas de redação de um roteiro de programa; (4) conhecimento e manuseio do programa Audacity; (5) gravação e edição do programa; (6) socialização do programa.

METODOLOGIA

- Registro dos encontros de formação dos professores mediadores – vídeo relatos – reflexão sobre o passo a passo da formação e participação dos professores mediadores - embasamento para a produção do tutorial - produto pedagógico.

18

METODOLOGIA

- Registro através de gravação - encontros dos professores mediadores com alunos participantes do projeto – avaliar como a mediação acontece e qual a sua importância no processo de produção e apresentação dos programas;

19

METODOLOGIA

- Avaliação sobre a contribuição do projeto da Rádio Escolar para a comunicação, desinibição, escrita e leitura na escola – aplicação de um questionário com três professores (independente de participarem ou não do grupo de formação) dos alunos que participaram do projeto;

18

METODOLOGIA

- Avaliação da participação dos alunos no projeto – contribuição para a comunicação, desinibição, escrita e leitura na escola – aplicação de um questionário com 3 professores (independente de participarem ou não do grupo de formação) que trabalham com alunos participantes do projeto;

19

METODOLOGIA

- Avaliação do processo de formação para mediação e desenvolvimento do projeto – aplicação de questionário para os professores-mediadores;

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Formação de Professores

KLEIMAN, Angela. Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

- Duas metáforas - projetos interdisciplinares - construção e rede.

- Professor – mediador no processo de construção - rede de conhecimentos pelo aprendiz (sujeito ativo engajado) - cognição é resultado de processo mental dinâmico e ativo - conexões entre pessoas, objetos, conceitos, preconceitos, intuições, símbolos, metáforas - rede de associações.
- Construção apoiada nas práticas orais do aluno, no diálogo - aprendizagem da língua escrita não envolve uma ruptura com a oralidade.

KLEIMAN, Angela. Letramento e formação do professor: práticas discursivas, representações e construção do saber. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.

- centralidade da escola como agência de promoção do letramento em nossa sociedade - práticas grupais - indivíduos redefinem sua relação com a cultura, em particular a cultura letrada.

- Letramento – atividades - interesse real na vida dos alunos - uso da escrita - leitura de textos que circulam na sociedade - produção de textos que serão lidos - trabalho coletivo de alunos e professor.
- Professor – agente de letramento - apropriação e uso da tecnologia escrita em sociedade - mediador de práticas sociais no mundo letrado - organiza atividades/práticas letradas - desenvolvimento de múltiplos letramentos nos sujeitos.

21

Letramento midiático

BALTAR, Marcos. Rádio escolar: letramentos e gêneros textuais. Caxias do Sul: Educs, 2009.

_____. Rádio escolar: uma experiência de letramento midiático. São Paulo: Cortez, 2012.

- Rádios escolares - autonomia e protagonismo social na comunidade escolar - processo de emancipação e de inclusão social.

22

- Ferramenta - relação educação × mídia × sociedade – letramento midiático radiofônico na comunidade escolar – comunidade participa criticamente de atividades reais e significativas de linguagem.
- Escola – privilegiada agência de letramento.

23

Documento Orientador - Formação Inicial

BRASIL. Resolução CNE/CP 01 de 18 de fevereiro de 2002. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.

- Formação/preparo para a atividade docente:
"o uso de tecnologias da informação e da comunicação e de metodologias, estratégias e materiais de apoio inovadores;" (Art. 2º, inciso VI)

24

◆ Prática na formação do professor

"não prescinde da observação e ação direta, poderá ser enriquecida com tecnologias da informação, incluídos o computador e o vídeo, narrativas orais e escritas de professores, produções de alunos, situações simuladoras e estudo de casos." (Art. 13, § 2º)

28



Documentos Orientadores - Formação Continuada

BRASIL. Resolução 04 de 13 de julho de 2010. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica.

▪ Base nacional comum e a parte diversificada – tecnologias de informação e comunicação perpassem transversalmente a proposta curricular. (Art. 14 § 3º)

29



BRASIL. Resolução CNE/CEB 7, de 14 de dezembro de 2010. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos.

"utilização qualificada das tecnologias e conteúdos das mídias como recurso" – "ambiente de indução digital e de utilização crítica das tecnologias da informação e comunicação" – aporte do sistema: (art. 28)

30



I – provisão de recursos midiáticos atualizados e em número suficiente para o atendimento aos alunos;

II – adequada formação do professor e demais profissionais da escola. (Art. 28)'

31



BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 2, de 30 de janeiro de 2012. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.

- O Ensino Médio - oferta e organização:

"integração entre educação e as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como base da proposta e do desenvolvimento curricular." (art. 5º, inciso VII)

20

- Currículo do Ensino Médio

"adotar metodologias de ensino e de avaliação de aprendizagem que estimulem a iniciativa dos estudantes" (art. 12, inciso II)

- Projeto político-pedagógico:

"utilização de diferentes mídias como processo de dinamização dos ambientes de aprendizagem e construção de novos saberes" (art. 16, inciso VIII)

21

"produção de mídias nas escolas a partir da promoção de atividades que favoreçam as habilidades de leitura e análise do papel cultural, político e econômico dos meios de comunicação na sociedade; (Art. 16, inciso XX)

21

Paradigma Indiciário

- GIOVANI, Fabiana. A Ontogênese dos Gêneros Discursivos Escritos na Alfabetização. Araraquara, 2010. Disponível em: <http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103554/giovani_f_dr_arafd.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 set. 2015.
- COELHO, Cláudio Marcio. Raízes do Paradigma Indiciário. [s.l.][s.d.] Disponível em: <http://hei.ufes.br/sites/hei.ufes.br/files/COELHO,%20Claudio%20M.%20Ra%C3%A7oes%20do%20Paradigma%20Indici%C3%A1rio_Ensaio_2007.pdf> Acesso em: 23 set. 2015.

21

**ANEXO
B**

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO

DR. CARLOS ANTÔNIO KLUWE

PROJETO:

RÁDIO ESCOLAR GALERA CK

PROFESSORAS: Rita de Cássia Angeieski da Silveira (formadora)

Nome (mediadora)

Bagé, 04 de abril de 2016.

1 JUSTIFICATIVA

A Rádio Escolar é um meio de comunicação de fácil acesso e um importante instrumento de entretenimento, interação e informação para alunos, professores e comunidade em geral. O projeto Rádio Escolar tem como protagonista o aluno, que assume o papel de interlocutor num processo de pesquisa, descoberta, reflexão, representação e construção do conhecimento em distintas áreas do saber, desenvolvendo sua autonomia e criatividade.

Neste sentido, Baltar¹⁷ afirma que o projeto Rádio Escolar é uma forma de estímulo ao desenvolvimento de múltiplas competências, especialmente a discursiva em estudantes e professores, contribuindo para a autonomia e o protagonismo social em toda a comunidade escolar.

2 OBJETIVOS

A produção e a apresentação dos programas da Rádio Escolar tem como objetivos:

2.1 GERAIS

- Integrar a comunidade escolar, como instrumento de informação e entretenimento;
- Integrar as disciplinas, já que o conteúdo da pauta dos programas pode ser interdisciplinar;
- Integrar os alunos “locutores” com alunos de outras turmas e turnos, na busca da participação destes e de subsídios para a produção e apresentação dos programas;
- Despertar talentos na locução oral;
- Despertar o gosto pela leitura e redação de textos entre os alunos participantes;
- Divulgar e valorizar os acontecimentos e as diversas atividades realizadas na escola e no meio em que o aluno vive.

2.2 ESPECÍFICOS

- Visitar uma rádio local, para conhecer o seu funcionamento;
- Pesquisar assuntos para a pauta dos programas em diferentes fontes, na busca de temas que interessem os ouvintes;
- Redigir notícias, avisos, convites, de forma resumida, objetiva e com as

¹⁷ BALTAR, Marcos. **Rádio escolar**: uma experiência de letramento midiático. São Paulo: Cortez, 2012.

<p>informações básicas (quem, o quê, onde, quando...);</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ler fluentemente o conteúdo da pauta.
<p>3 PROCEDIMENTOS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Encontros de formação entre a professora formadora e a mediadora; • Constituição de um ou mais grupos de alunos para a elaboração e apresentação dos programas; • Visita dos alunos a uma das rádios de Bagé; • Encontro e conversa com um locutor na escola; • Realização de encontros para a escolha dos assuntos e elaboração de um roteiro, assim como a gravação das falas e a seleção musical; • Redação de notícias para leitura no programa; • Leitura e análise do gênero textual “notícia”, considerando as informações básicas (<i>quem, o quê, onde, quando, como e por quê?</i>); • Pesquisa dos assuntos em jornais, revistas e livros para a redação dos textos, sob orientação e supervisão da professora mediadora; • Revisão e reescrita dos textos pelos alunos; • Apresentação e gravação dos programas pelo(s) grupo(s); • Edição do programa e compartilhamento na página da escola; • Avaliação dos programas para melhorar o processo de produção e apresentação.
<p>4 LOCAL</p> <p>A busca de material para os programas assim como a elaboração do roteiro escrito deverá acontecer dentro e fora do espaço escolar. A elaboração e gravação dos programas acontecerá no espaço escolar.</p>
<p>5 HORÁRIO</p> <p>Os encontros de formação de produção dos programas de rádio serão elaborados durante encontros semanais de 1 hora, e o compartilhamento na página da escola no <i>Facebook</i> será feito após a edição.</p>
<p>6 PERÍODO DE EXECUÇÃO</p> <p>Produção e apresentação dos programas - Abril a dezembro/2016</p>
<p>7 RECURSOS</p> <p>7.1 HUMANOS</p> <p>a) Alunos do Ensino Médio;</p>

- b) Professoras formadora e mediadora;
- c) Outros professores, de quaisquer disciplinas, que queiram contribuir com material próprio ou produzido pelos alunos em aula;
- d) Comunidade escolar.

7.2 MATERIAIS

- a) Jornais *on line* ou impressos;
- b) Materiais escolares necessários à redação;
- c) Livros, revistas e outras fontes de pesquisa;
- d) Equipamento datashow;
- e) *Notebook*;
- f) Microfone;
- g) *Pen drive* ou HD.

8. AVALIAÇÃO

8.1. DOS ALUNOS

Será realizada pelos grupos (autoavaliação) e pela professora, durante a elaboração e após a conclusão dos programas, considerando-se a participação, a organização, o comprometimento e a competência oral e escrita dos alunos.

8.2. DO PROJETO

A avaliação do projeto será realizada pelos alunos, a professora formadora, a professora mediadora e outros envolvidos na elaboração e execução do projeto, após a socialização de cada programa, com o objetivo de melhorar o processo de produção dos programas.

**ANEXO
C**

RÁDIO ESCOLAR

- História do rádio – começa oficialmente em 1896, com o italiano Guglielmo Marconi, que teria desenvolvido a tecnologia de transmissão de som por ondas de rádio.
- Padre gaúcho Roberto Landell de Moura também pode ser considerado seu inventor, pois em 1893 realizava em São Paulo as primeiras transmissões de telegrafia e telefone sem fio, numa distância de aproximadamente 8 km em linha reta.

- No Brasil, a rádio estreia em 1922, durante as comemorações do centenário da independência. Os discursos do presidente Epitácio Pessoa foram transmitidos do Rio de Janeiro para Niterói e São Paulo através de uma antena instalada no Corcovado. Surgiu a primeira emissora, a Rádio Sociedade do RJ.

- O rádio passou a ser usado como divulgador de informações e também como ferramenta política. Foi utilizado por Getúlio Vargas, durante a ditadura do Estado Novo, como ferramenta de propaganda política. Surgiu o programa A Voz do Brasil, em 1935, um noticiário radiofônico público que até hoje vai ao ar todos os dias às 19 h.

RÁDIO ESCOLAR

O rádio é um meio de comunicação de fácil acesso e é um poderoso instrumento de entretenimento e informação. A rádio escolar deve mobilizar os diversos segmentos da escola, numa atividade diferenciada, que estimule a participação e a colaboração de todos, melhorando as relações interpessoais, disseminando arte e cultura, através de uma programação educativa, interativa, democrática e de qualidade.

LINGUAGEM RADIOFÔNICA

- É composta de voz, música, efeitos sonoros e silêncio. Esses componentes atuam isoladamente ou combinados, de acordo com a necessidade. O ouvinte de rádio precisa ter sua atenção despertada a todo momento, uma vez que ninguém tem a capacidade de se manter inteiramente voltado para as informações que lhe estão sendo transmitidas.

ALGUNS JARGÕES DA LINGUAGEM RADIOFÔNICA:

- ASSINATURA: é composta pelo nome e pelo slogan do programa. É veiculada no começo da programação ou no final de um bloco. Por exemplo: "*Jornal Escola: notícias quentes sobre educação*".

- BG (*background*): significa fundo – no rádio, feito pela música. A regra de utilização do BG é simples. Quando entra a fala do apresentador do programa ou do entrevistado, o volume da música abaixa para não competir com as vozes. Quando o tema do programa é alegre, músicas com ritmo acelerado podem ser colocadas de fundo. Já os temas mais sérios pedem uma trilha calma.

- **CRÉDITOS:** relação com o nome de todos os que participaram da produção, da locução e da apresentação do programa. São lidos no final.
- **LAUDA:** é uma folha de papel A4, onde consta a programação. O texto deve ser claro, sem rasuras e com um bom espaço entre as linhas. É digitada ou datilografada em letras maiúsculas para facilitar a leitura. Todos os participantes (locutor, apresentador, produtor e técnico de som) devem ter uma cópia.

**ROTEIRO
PROGRAMAS DA RÁDIO ...**

PROGRAMA Nº ____ / ____

- 1) Nome do programa: _____
- 2) Slogan: _____
- 3) Componentes do grupo: _____
- 4) Coordenador (a): _____
- 5) Data da apresentação: _____
- 6) Horário: _____
- 7) Abertura:
 - Música: _____ do _____
 - Texto: _____

a) Desenvolvimento: (exemplo)

Notícia 1: _____

Música: _____, do _____

Notícia 2: _____

Música: _____, do _____

Notícia 3: _____

Música: _____, do _____

Variedades*: _____

Música: _____, do _____

9) Encerramento:

Texto: _____

Música: _____ do _____

► **VARIEDADES:** pessoas famosas, datas comemorativas; aniversariantes; piadas; assuntos de interesse do público; recados; mensagens; poemas; pensamentos; dicas de saúde, filmes, livros; etc.

EXEMPLOS DE TEXTO DE
PROGRAMA DE RÁDIO:

Olá! Está no ar a Rádio ...! O programa de hoje tem muitas surpresas! Tem informação, curiosidades e, é claro, muita música pra você! Não saia daí porque a Rádio ... está no ar!!

Olá gurizada da ...!

Está no ar o programa _____. Eu sou ____ e fico com vocês até às ____ da tarde. Esta é a Rádio ..., a rádio da alegria!!! Hoje é segunda-feira, dia ____ de _____, e agora são _____. O programa de hoje começa com música! Fique com o alto astral da banda _____, _____.

- É hora de notícia no programa ...

O Grêmio/Inter jogou ontem à tarde, no Estádio _____, contra o _____ pelo _____. O resultado foi _____ para _____.

- O programa _____ traz agora as informações nacionais. O Presidente Temer anunciou que o programa Bolsa Família será fiscalizado a cada dois anos.

- Vamos agora às notícias da Escola.

No dia _____ de _____, terça-feira, haverá o lançamento da Rádio ... Durante o recreio, com a participação do locutor ... da Rádio

- Ouça agora uma mensagem que a/o ... tem para dizer.

- Preste atenção para o recado que o colega _____ vai dizer.
- Você **está** ouvindo a Rádio ..., a rádio mais querida da galera. A rádio é produzida e apresentada **pelos** alunos ... da Escola E agora mais música para você. Fique com o alto astral do _____.

- Galera aí vai a piada do dia. Fala ...
- Você tá ligado na Rádio ..., a rádio mais querida da galera.
- Pessoal por hoje é isso! A Rádio ... fica por aqui. Este programa é produzido pelos alunos ... da Escola Até a próxima semana. Tchau!

**DICAS
PARA
FALAR BEM
EM CONVERSAS E
APRESENTAÇÕES**

Reinaldo Polito

- > Fale com **envolvimento**: energia, disposição, entusiasmo, emoção...;
- > Demonstre conhecimento sobre o que está falando. **Para** isto, prepare-se com antecedência;
- > Leve **em conta** a faixa **etária** dos ouvintes;

- Esteja preparado para fazer adaptações durante o programa;
- Fale com boa dicção: pronuncie bem as palavras. Leia em voz alta, 2 a 3 minutos por dia, colocando um obstáculo na boca e pronuncie bem as palavras;
- Repita as informações mais importantes;

- Use bem o microfone na mão: posicione-o na altura do queixo e faça do braço um pedestal, mantendo-o sempre no mesmo lugar (evite trocá-lo de mão);
- O roteiro escrito é muito importante para dar-lhe segurança da sequência de todas as etapas do programa;
- Antes da apresentação do programa, treine com os colegas do grupo ou outras pessoas.

- A revisão do texto deve ser feita com a leitura em voz alta. Ela facilita a descoberta de erros no ritmo das frases, na combinação e escrita das palavras;
- Evite frases longas: elas dificultam a respiração do locutor e são mais difíceis de serem entendidas pelo ouvinte. Cada frase deve expressar uma ideia.

DICAS IMPORTANTES:

- ◆ Escolher assuntos interessantes e variados;
- ◆ Variar as músicas;
- ◆ Criar um slogan;
- ◆ Mencionar os nomes dos componentes do grupo no início ou no final;
- ◆ Pronunciar bem as palavras (faça caretas se necessário);

- Evite frases longas: elas dificultam a respiração do locutor e são mais difíceis de serem entendidas pelo ouvinte. Cada frase deve expressar uma ideia.
- Colocar emoção na voz durante a leitura, como se estivesse falando (e não lendo);
- Invocar os ouvintes: galera, pessoal, ouvintes, amigos...

NOTÍCIA

- ◆ É o relato de um fato ou acontecimento atual e interessante, que desperte a curiosidade do leitor.

PARTES DA NOTÍCIA

- ◆ **MANCHETE:** é o título da notícia, deve ter um verbo.
- ◆ **LEAD:** é o resumo da notícia.
- ◆ **CORPO:** é o desenvolvimento da notícia, contendo as informações referentes aos elementos da notícia.

ELEMENTOS DA NOTÍCIA

- ◆ Quem?
- ◆ O quê?
- ◆ Onde?
- ◆ Quando?
- ◆ Como?
- ◆ Por quê?

NOTÍCIAS

◆ Sugestão -5 notícias, relacionadas a:

- Escola;
- Cidade;
- Estado;
- País;

ANEXO

D

ROTEIRO

ENTREVISTA COM A DIRETORA DA ESCOLA

Entrevistadora:

Bom dia, galera! Nós estamos aqui entrevistando a diretora Berenice sobre os investimentos que estão ocorrendo na nossa escola.

Bom dia, diretora! Quais investimentos estão sendo feitos na escola?

E para o futuro, quais os investimentos estão previstos?

Então é isso, muito obrigada, agradecemos pela atenção, em nome dos alunos da escola, desejando que a nossa escola cresça cada vez mais.

**ANEXO
E**

ROTEIRO - PROGRAMA DA RÁDIO GALERA CK

Música – Photograph – Ed Sheeran

(Aluna 1)

E aí galera? Tudo belezinha? Estamos começando mais um programa da rádio Galera CK, com a participação da Aline, da Lucia, da Luiza e da Sarah da turma 1201.

Música – Continuação de Photograph – Ed Sheeran

Áudio da entrevista com a diretora – entrevistadora (aluna 2)

Música – Vou voando – Jorge e Mateus

(aluna 3)

Atenção galera para as notícias!

A entrega de boletins aconteceu no dia 22 deste mês. Quem não compareceu, pode pegar seu boletim com a presença dos pais ou responsáveis.

Música – In the name of Love - Martin Garrix e Bebe Rexha

Música de fundo – É preciso saber viver – Titãs

(aluna 2)

No dia 15 de outubro foi o dia dos professores. Nós, como representantes dos alunos, gostaríamos de agradecer pela fidelidade e persistência dos professores, que mesmo tendo muitos problemas em suas vidas, continuam nos dando muita atenção. Em homenagem a eles, leremos um poema.

(aluna 4)

Ser professor (leitura da mensagem)

Música – Continuação de “É preciso saber viver”

(aluna 1)

O ENEM iniciará dia 5, com prova de Ciências Humanas e Ciências da Natureza, e no dia 6, prova de Linguagens, Matemática, Redação, Códigos e suas tecnologias. Não se esqueçam de estudar, e para aqueles que procuram obter um melhor resultado, existe também o aplicativo MECFLIX.

Música – This is what you came for – Calvin Harris

(aluna 4)

Obrigada pela atenção e desejamos tudo de bom pra todos.

Música – Louca de saudade – Jorge e Mateus

Ser professor ser alu

Cláudia Martins

Foi estu-
dante. Aca-
bei o meu cur-
so. O momento
não temido surgiu.
Vou ser que enfrentar
os meus alunos.
Como reagir perante
eles, no primeiro dia
de aulas? A minha
ansiedade e nervosis-
mo necessitavam de
ajuda. Existe, é claro,
a orientadora. Foi-
me fornecido por esta
uma fotocópia de um
poema intitulado *Ser
Professor*, de autor des-
conhecido, mas cujo
conteúdo é suficiente-
mente nítido para
quem abraçou a pro-
fissão de *Ser Professor*.
Com base neste poe-
ma que encontrámos
afixado na sala de
aula, D. Duarte da E.
S. de Castro Martins,
clarificou as ideias
em diálogo aberto
com os alunos. Foi
maso fácil falar a par-
tir de um suporte es-
crito e eu que, subitane-
mente, me surge a
idéia de fazer um de-
safio aos jovens: com
quem iniciar o traba-
lho que percorrerá
todo um ano letivo.

SER PROFESSOR

Ser professor é ser artista, malabarista,
pintor, escultor, doutor, musicólogo,
psicólogo...
É ser mãe, pai, irmã e avó, é ser palhaço,
estilhaço, é ser ciência, paciência, é ser
informação, é ser ação. É ser bússola, e ser
farol. É ser luz, é ser sol.
Incompreendido?... Muito.
Defendido? Nunca.
O seu filho passou?...
Claro, é um génio.
Não passou? O professor não ensinou.
Ser professor... É um vício ou vocação?
É outra coisa.
É ter nas mãos o mundo de AMANHÃ.
AMANHÃ os alunos vão-se... e ele,
o mestre, de mãos vazias,
fica com o coração partido.
Recebe novas turmas, novos olhinhos avidos
de cultura e ele, o professor, vai despendendo
com toda a ternura, o saber
e orientação nas calvárias novas
que amanhã luzirão no firmamento da pátria.
Fica a saudade... a amizade.
O pagamento real?
Só na eternidade.

*Todos os alunos concordaram, após a
leitura do poema que lhes apresentei,
que Ser Professor não é tarefa fácil.
Lamentei-lhes então um desaire:
- Todos vocês já têm a experiência de Ser
Aluno. Querem mostrar-me como é
autor deste poema, o que pensam da sua
mensagem? Assumiram o desafio e em que
canto o poema encontraram, escreveu depois
de que os alunos pensaram de si próprios.*



**ANEXO
F**



Questionário - Professora Mediadora

Prezada professora:

Agradeço pela sua participação neste projeto. Para que possa delinear o seu perfil profissional, peço que complete as informações abaixo:

- a) Nome: _____
- b) Formação no Ensino Superior: LETRAS
- c) Formação na Pós-graduação: _____
- d) Disciplina (s) em que atua: Português e Literatura
- e) Escola(s) em que atua:
1. Nome: E.E. Ens. Médio Dr. Carlos A. Kluge
 municipal estadual particular
2. Nome: E.E. Ens. Médio Silveira Martins
 municipal estadual particular
3. Carga horária semanal: 40 horas/aula
4. Tempo de exercício como docente: 30 anos
5. Experiência na realização de projetos: sim não
6. Experiência na realização do projeto da rádio escolar: sim não
7. Por que atendeu ao convite para ser mediador do projeto?

Todas as profetas que venham ao "encontro" com aprendizagem, conhecimento e informação são de grande valia para os jovens alunos, alcançando novos incentivos para outras atividades e auto-estima, a nível social e emotivo. Todas as aprendizagens são de grande valia e utilidade.

ANEXO

G



ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO DR. CARLOS KLUWE

PROJETO RÁDIO ESCOLAR

REGISTRO DOS ENCONTROS DE FORMAÇÃO

DATA	ATIVIDADES REALIZADAS	ASSINATURA
16/05/16	Apresentação do projeto de pesquisa e do projeto do Rádio Escolar na escola Carlos Kluwe	x Martin
15/08/16	Slides sobre o Rádio Escolar	x Martin
22/08/16	Programa Aulacity. Planejamento do 1º encontro com os alunos	x Martin
29/08/16	Primeiro encontro da mediadora com alunos	x Martin
05/09/16	Nos acontamos o encontro. (filme)	x Martin
12/09/16	idem	
19/09/16	Feriado	
26/09/16	Não aconteceu por falta de interessados	x Martin
03/10/16	Encontro com grupo	x Martin
10/10/16	Encontro com grupo	x Martin
17/10/16	Encontro não realizado - trabalho no Prograd	x Martin
24/10/16	Encontro com grupo	x Martin
28/11/16	Encontro com grupo (preenchimento dos anexos)	x Martin

ANEXO

H



ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO DR. CARLOS KLUWE

Professora Mediadora: _____

De que maneira os encontros com a pesquisadora contribuíram para a sua formação como mediadora no projeto da Rádio Escolar?

Devido a importância que devemos dar aos projetos de incentivo a ^{novas} aprendizagens que alavancam o progresso cultural, social e humanizador dos jovens estudantes.

E sendo o rádio um dos mais importantes veículos de comunicação em massa.

O mesmo faz com que os alunos compartilhem de "línguas semelhantes", onde os mesmos possam agir como atores, sapoas, atores, responsáveis e decidindo o conteúdo, o que querem comunicar, seja, os formatos dos quadros, o tipo de música, de notícia, de mensagem, de assuntos diversificados.

Acredito que a rádio escolar seja um grande projeto de trabalho e um excelente recurso de divulgação de novas ideias e reflexões.

ANEXO

I



Avaliação do processo de formação/atuação da mediadora

Prezada professora: _____

Após a sua participação na formação para atuar como mediadora na realização do projeto Rádio Escolar, peço que colabore para a avaliação do processo:

1. Encontros de formação:

a) O tempo foi suficiente?

sim () não

Observações (se houver): pois os alunos começaram a aprender o processo das ativ. do rádio.

b) O conteúdo atendeu às suas expectativas?

sim () não

Observações (se houver): _____

2. Produção e apresentação dos programas

a) O que foi bom?

A participação e o interesse dos alunos em atender a este projeto.

b) O que poderia ser melhorado?

Ter mais tempo e o projeto ser entendido a mais alunos.

Agradeço pela sua colaboração.

ANEXO

J